

CEDI	P. I. B.
DATA	11/09/86
COD.	KJ/D02

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RELATÓRIO SOBRE A ELEIÇÃO DA ÁREA DOS KRĪKATÍ

Dando cumprimento a Portaria nº 609/L, de 29/7/79, o Grupo de Trabalho se deslocou com destino ao PI Krĭkatí. Para se chegar ao local, utilizamos a viatura da Delegacia durante dois dias. Não havia necessidade de percorrermos este trajeto, se tivéssemos ido via Goiás, pois chegaríamos a aldeia em um dia e não em três. Este roteiro foi seguido, devido a obrigatoriedade de passar pela Delegacia para buscar o suprimento de viagem.

De São Luis à Imperatriz levamos 3.30h em estrada carroçável e mais 8h em asfalto. De Imperatriz ao Posto Indígena, em estrada de piçarra, viajamos 1.50h; de Montes Altos à aldeia leva-se apenas 20 minutos; da aldeia até o Quiosque de mora-se 25 minutos. Há duas Empresas de Ônibus, uma delas "Lira de Ouro", que faz a linha na área, passando ao lado da aldeia dos Krĭkatí. Permanecemos no Posto Indígena de 5 a 12/9/79.

I - História

A cidade de Montes Altos é o lugar mais próximo da aldeia. Esta foi fundada em 1898 pelo fazendeiro de cana-de-açúcar, Quirito. Em 1909 a linha de telégrafo cruza pelo Povoado, ocorrendo um aumento populacional, elevando-se a categoria de cidade em 1949. Provavelmente os Krĭkatí tiveram contato com estes povoadores antes de 1900. Desde 1830 foram localizados na atual área, tendo interações com os brancos muito posteriormente (Lave, 1967: 50).

Segundo Nimuendajú, os Krĭkatí (que significa "aldeia grande") nunca saíram de seu antigo habitat a leste do rio Tocantins, onde o rio muda o curso do sul/norte para a di

reção leste/oeste de Imperatriz (1946: 16). Neste mesmo lugar, Castelnau os encontrou em 1844 e os identificou como perigosos. Em 1848 os índios tiveram um rápido contato com o Pe. Manoel Procopio, na Colônia Militar Santa Thereza, atual Imperatriz (Veja anexo nº 1). Em relatos deste missionário, em 1849, os designa como "pouco familiarizados" com os brancos. Em 1852 tenta levar os Caracatigés (ou Caracaty como são chamados pelos néo-brasileiros; se auto-denominam Krĩkateyé - aqueles da aldeia) e os Gaviões (Pukóbye) para Campo do Frade, ao norte de Imperatriz. Em fins de 1853 dizem ter ido à Santa Thereza, uns 300 índios e em 1854, há umas 302 pessoas. Por volta de 1855 a Missão entra em decadência, desaparecendo referência dela nos relatos oficiais. (idem, pág. 17).

Os índios narraram que a cidade de Imperatriz foi edificada em cima dos restos de uma grande aldeia, dos Krĩkateré (ou Krĩkatyé?), ocorrendo uma dispersão para vários lugares, dos Gaviões (Pukóbye), dos Krĩkate (Krĩkatí) e dos Apinayé. Os missionários pegavam as crianças e levavam para a Missão Santa Thereza, nesta época os índios já eram pacificados. Quando fugiram para a Serra da Desordem, os Krĩkatí retiraram algumas crianças da Missão e outras aí permaneceram. Nunca mais voltaram a este local.

Nimuendajú (1946: 17) menciona que no censo de 1919, na aldeia Engenho Velho havia 69 índios e em Canto da Aldeia, 204. A aldeia Caldeirão não é mencionada ou está incluída no Canto da Aldeia. Mas em 1920 o autor visitou esta aldeia no extremo do rio Pindaré, registrando 80 pessoas. Os índios desta aldeia viviam pressionados pelos fazendeiros, que usurparam os seus domínios tribais, deixando-lhes apenas a perspectiva de abandonarem o acampamento ou serem massacrados. Em anos anteriores os índios das duas outras aldeias tiveram conflitos com fazendeiros, por exemplo, com Salomão Barros, obrigando os Krĩkatí a se refugiarem nos Pukóbye. Com a chegada do funcionário Marcelino Miranda, de Barra do Corda, este evitou um massacre que estava sendo planejado pelos fazendeiros. Ao mesmo tempo tentou transferir os índios do Canto da Aldeia para um lugar seguro, mas estes se recusaram, pedindo a saída dos fazendeiros.

Nimuendajú (pág. 17) cita que em 1930 o presidente do Maranhão, Magalhães de Almeida, pressionado pelos fa

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 03 =

zendeiros, pede a remoção dos Krĩkatĩ da aldeia Caldeirão (Proc. nº 13.653-MI/DCA/BSB/77). O antropólogo relata que Marcelino Miranda experimenta mudá-los para o Rio Ourives perto de Barra do Corda, dando início assim, a um processo de extinção como povo independente. Nesta tarefa foi auxiliado pelos Apinayé e Apányekra, mas os Krĩkatĩ se espalharam em todas as direções (idem, pág. 17). Muitos se refugiaram junto aos Pukóbye (idem, pág. 19), do atual PI Governador, amalgamando-se, outros não foram localizados. Segundo Lave alguns Krĩkatĩ concordaram em se mudar do local e o restante foi para os Pukóbye, onde tinham parentes. Alguns permaneceram aí mesmo depois que os Krĩkatĩ retornaram insatisfeitos de Barra do Corda, formando nova aldeia (1964: 38). Esta volta foi alguns anos depois, quando o SPI os reassenta e os índios se organizam novamente (idem, 14). Os índios foram recolocados na aldeia Taboquinha, atualmente abandonada (pág. 39).

Examinando o Relatório da Gleba do Rodeador, redigido por Oliveira (novembro de 1968), este informa que a gleba Rodeador, localizada nas duas margens do riacho Ourives, foi adquirida pelo SPI, em 12/6/1920, da Sra. Evangelina Pereira da Silva, por 500 mil réis, em nome dos Krakati (Krĩkatĩ) e dos Gaviões, que estavam sendo hostilizados pelos fazendeiros. Na pág. 2 do relatório a informação é contraditória ao fazer o histórico da gleba: o Sr. Raimundo Nonato Miranda escreve a José Maria da Gama Malcher, que a gleba Rodeador foi comprada em 1929. Alguns índios foram levados para conhecer o local. Prepararam as roças e voltaram para buscar os companheiros. Os grupos decidiram não se mudarem. Os civilizados prometem paz aos índios, temendo ficarem sem braços para as roças. A gleba foi ocupada pelos Canela, que depois retornam à aldeia do Ponto. A seguir os Guajajara utilizam a área por pouco tempo, sem terem assistência do SPI. Os fazendeiros os importunam e abandonam a gleba. Não sabemos se esta área ainda pertence a FUNAI ou se os civilizados a ocuparam definitivamente.*

Lave (1967: 14) informa que apesar do grupo Krĩkatĩ ter se recuperado e aumentado em número, nos últimos 50 anos sofreram várias epidemias.

A antropóloga Lave (1967: 15) relata que

* Foi demarcada recentemente.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 04 =

os Krikatí lhe diziam ser uma mistura de várias tribos. Em 1964 havia na aldeia São José 152 pessoas e na aldeia São Gregório 58 (idem, pág. 17). Estas aldeias tinham sua forma típica e os seus membros são todos parentes próximos (idem, pág. 26-7). A aldeia São Gregório era constituída por dois grupos casados com parentes (pág. 35). Há vários casamentos entre aldeias, todos se considerando parentes entre si (pág. 37).

A mesma Antropóloga (1967: 54-5) comenta que as relações entre caboclo e "cristão" eram precárias, sendo difícil estabelecer uma paz duradoura. Conta que em 1962 os fazendeiros organizaram uma represália contra a aldeia São José, devido ao roubo de gado e de porco. Os fazendeiros se reuniram em Montes Altos para estabelecerem um acordo. Resolveram que em meados de maio de cada ano, os índios receberiam uma vaca para ser consumida pela comunidade. Dois "chefes" foram indicados, porque faziam bem o português, para que o acordo não fosse interrompido. Os fazendeiros os ajudariam a construir uma cerca para o gado, e por sua vez, os índios notificariam a eles a entrada de reses nas roças, dando tempo de removê-las, antes de matá-las. O sistema funcionou bem de 1963-4, embora alguns porcos fossem roubados. Os "chefes" não foram capazes de vigiar os companheiros. Esta história foi-me também relatada por um índio: O Sr. Gomes, Prefeito de Montes Altos, fez uma reunião a fim de paralizar o roubo de gado pelos índios. A Prefeitura (?) impôs Francisco no cargo de capitão, que até hoje permanece, e mais o vice-capitão, e um juiz. Para isso, depôs o antigo capitão que era irmão de Francisco. Estabeleceram que anualmente cada fazendeiro da região daria uma res para a aldeia. Este tratado funcionou durante dois anos, os índios recebendo só duas reses.

Em conversa com alguns Krikatí, estes contaram alguns episódios da época da pacificação. Foram contatados na Serra da Desordem, sendo que também moravam nas Serras do Cipó, do Serrote e do Sete Facões. Quando os civilizados os atacavam, deslocavam-se para o riacho Batalha. Sendo rechaçados aí, dirigiam-se novamente para as Serras.

Dizem que na Serra da Desordem existem ainda tora de toá, usada nas corridas. Nesta Serra se refugiaram

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 05 =

dos "cristãos" (Kupẽ). O "pacificador" Amaro induziu quatro capi-
tães a irem à Fazenda, matando-os. Um negro a pedido de Amaro,
escala a Serra da Desordem para chegar a aldeia e atrair mais ín-
dios. Os sertanejos estavam escondidos, e quando mais de 20 ín-
dios foram apanhar a comida oferecida por eles, foram mortos e
jogados no rio. Os Krĩkatĩ também mataram alguns civilizados a
pedradas. Os Krĩkatĩ queriam ver os companheiros que tinham che-
gado anteriormente. Amaro diz que os matara e os recompensa com
bens materiais. Os índios vão embora. O negro é ordenado a retor-
nar à aldeia e levar capturado o capitão Alexandre. Um fazendei-
ro dá um sítio aos índios em compensação, pela morte de outro ca-
pitão. Posteriormente, Amaro quer serenar os ânimos e promete
que a mortandade vai parar entre as duas etnias, que dará terra
aos índios, duas roças de mandioca e construirá cinco currais pa-
ra abrigar o gado doado. O gado doado como indenização pelos
seus mortos são comidos, não os criando. Utilizando esta técni-
ca, Amaro foi amansando todos os membros da aldeia. Este inciden-
te foi divulgado porque um Krĩkatĩ escondido viu todo o aconteci-
do.

Também devido a posse das terras da aldeia
Caldeirão, os sertanejos mataram muitos índios. No Posto do Cabo
velho os Kupẽ "chamavam" os índios com o objetivo de extermi-
ná-los, mas muitos preferiam se afogar num poço que existia no
local. A conversa dos fazendeiros antigos girava em torno de
ataques que pretendiam fazer contra as aldeias.

Os índios se recordam que seus antepassados
lhes contavam que antigamente no seu habitat não haviam civiliza-
dos. Lentamente estes foram chegando e pedindo licença ao capi-
tão para aí residirem. O agradavam com presentes e fumo. Di-
ziam-se amigos deles e que eram "bonzinhos". Comiam as suas ca-
ças e depredavam a mata que hoje quase inexiste. Contam que o
"pacificador" Amaro pediu ao capitão para morar na área. Era uma
pessoa boa e não matava ninguém. Seu filho, dono da Fazenda São
Francisco, solicita ao capitão Lourenço para ficar em definitivo
no lugar onde se encontrava, porque a terra era boa e seca para
a criação de gado. Assim ocorreu com outros fazendeiros, que fo-
ram registrando as propriedades e passando através das gerações.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 06 =

Há apenas 5 anos atrás terminaram de invadir toda a área, instalando-se ao redor da aldeia. Agora os fazendeiros estão irritados e querem despejá-los da área, não se entendem mais. Os índios velhos foram morrendo, restando só os novos, sem terra para viverem. Há pessoas idosas que lembram que na sua infância havia uma ou três casas em Montes Altos e na Fazenda Campo Alegre. Aos poucos Montes Altos foi crescendo, não pedindo mais autorização para entrarem. Naquela época eram "bestas", sabiam falar pouco o português. Acabaram os índios morando nos "agregados" dos "cristãos". O mesmo aconteceu em Sítio Novo. Inicialmente haviam três casas e foi aumentando com o tempo. Atualmente os deixam caçarem nas cercanias dela, mas não querem que "mexam" com as criações. Examinam se realmente nos bordéis estão levando caça. O fazendeiro Mundico Milhomem primeiramente instalou-se pelos lados do Sítio Novo. Como o lugar era insalubre, provocando febre, muda-se para Campo Alegre.

O Grupo de Trabalho FUNAI/RADAM, que fez relatório sobre a eleição da área Krĩkatí, em 16/9/76, não apresenta o histórico de ocupação territorial do grupo, mas salienta a história da invasão dos fazendeiros no habitat tradicional dos índios. No mesmo Processo que contém este Relatório (nº 13.653 - MI/DCA/BSB/77), um representante da Comissão de Fazendeiros da região, faz uma ampla exposição e apelo reivindicatório a favor deles, na qual relata a história de vários fazendeiros que se encontram dentro da área indígena, provando a posse da imemorialidade de "suas" terras.

II - Organização Social

a) Composição Familiar

A maior concentração de Krĩkatí se acha na aldeia São José, sede do PI Krĩkatí. Estão espalhados em mais três núcleos: aldeia do Dalgado, da Areia e da Batêia. A aldeia São José tem uma disposição circular, mas há várias casas que estão fora dela, muitas formando um arruado na antiga pista de pouso. Alegam que não estão no círculo de casas porque não querem e

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 07 =

outros dizem que não há mais espaço físico no círculo. Querem expandir o diâmetro de circunferência da aldeia, mas há uma erosão numa parte dele. A fixação do grupo por muito tempo num mesmo lugar, atraído pela infra-estrutura de alvenaria do Posto Indígena, acarreta distúrbios organizacionais aos índios, nem sempre possíveis de rearranjos. Assim, as benfeitorias apesar de favorecerem a atuação dos funcionários, interferem na estrutura do grupo, como por exemplo, morar na roça por uma temporada, porque está demasiada distante da aldeia, devido ao esgotamento do solo nas vizinhanças desta.

As casas têm o mesmo estilo das dos sertanejos. O telhado e as paredes da casa são cobertos com folhas de pati. Algumas têm paredes de barro ou de tijolos de adobe. Uma casa tem durabilidade de três anos, após 5 anos está estragada pela fumaça do fogo. É no verão a época melhor de se construir uma casa de pau-a-pique. Não é hábito acabar a construção das paredes ou a cobertura de uma casa. Para construir uma casa de adobe e coberta de palha custa Cr\$ 3.000,00.

O interior de uma habitação Krĩkatĩ parece ser típica aos demais grupos Jê: simples e com uma grande incidência de pertences (cestaria) da cultura material do grupo. Usam rede industrial e indígena. O jirau continua a ser usado ao lado de uma cama tipo artesanal. As toras de corridas após o uso, são utilizadas como banco ou depositárias de objetos.

A aldeia São José é constituída de 30 casas, sendo 11 casas no círculo e 19 na periferia do mesmo. As casas são compostas praticamente de famílias extensas, havendo poucas famílias simples.

Casas na periferia do círculo :

Casa 1

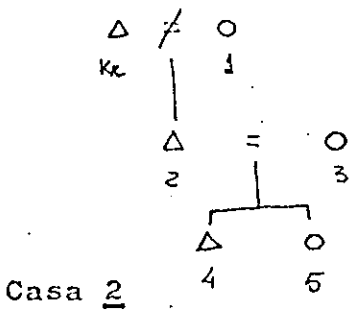
1. Jandira: 42 anos, G*

* Convenção:

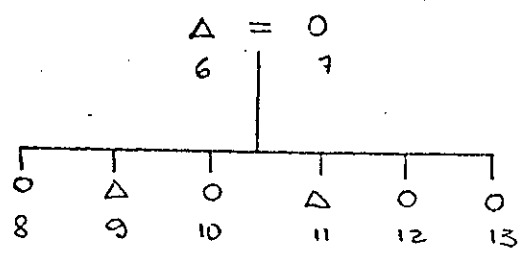
Kr - Krĩkatĩ	A - Apinayé	+ Morto	≠ Separação
G -- Gavião	Gu- Guajajara	= Casamento	
C - Civilizado	Ca - Canela	□ descendência	
K - Krahó	X - Xerente	Δ Homem	
		O Mulher	

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI :: 08 =

- 2. Dorival: 26 anos, G + Kr
- 3. Marli: 20 anos, Kr
- 4. Pedro: 4 anos, Kr + G
- 5. Prêxe: 7m, Kr + G

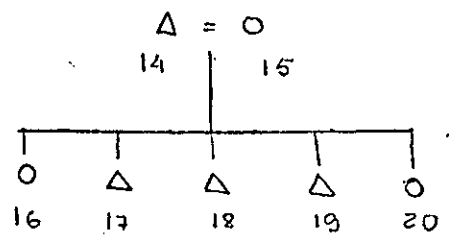


- 6. Patrício: 40 anos, Kr
- 7. Turiba: 30 anos, Kr
- 8. Lucimar: 15 anos, Kr
- 9. João: 13 anos, Kr
- 10. Pedrina: 11 anos, Kr
- 11. Veris: 10 anos, Kr
- 12. Juvelis: 7 anos, Kr
- 13. Teresa: 1.6 anos, Kr



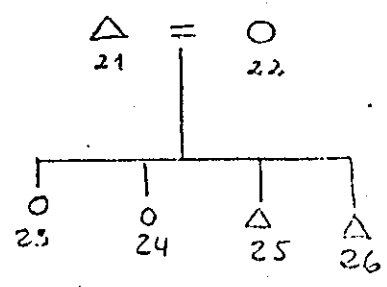
Casa 3

- 14. Zé Cunhã: 30 anos, C
- 15. Creusa: 24 anos, Kr
- 16. Maria: 13 anos, Kr + C
- 17. Raimundo: 12 anos, Kr + C
- 18. Fogoió: 11 anos, Kr + C
- 19. Fortino: 7 anos, Kr + C
- 20. Socorro: 6 anos, Kr + C



Casa 4

- 21. Valdemar: 36 anos, Kr
- 22. Suzevêia (Josefa): 35 anos, Kr
- 23. Marlene: 15 anos, Kr



MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 09 =

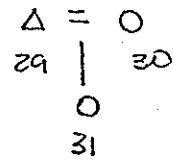
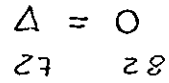
- 24. Lidomã: 12 anos, Kr
- 25. Zezé: 8 anos, Kr
- 26. Fernando: 7 anos, Kr

Encontra-se no PI Governador:

- Clodomiro (filho de 21 e 22) casado com uma G

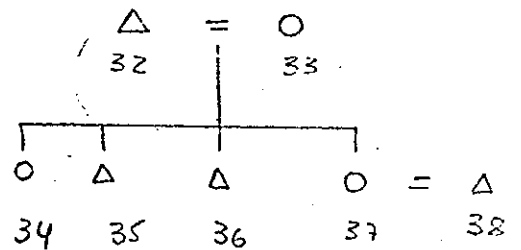
Casa 5

- 27. Ulisses: 37 anos, K
- 28. Genoveva: 18 anos, Kr (sem filhos)
- 29. João Grande: 17 anos, Kr
- 30. Joanelinha: 15 anos, Kr
- 31. Zé Maria: 3 anos, Kr



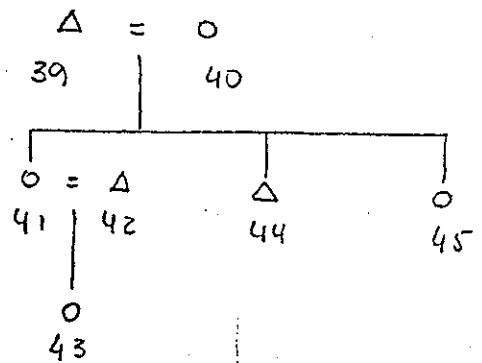
Casa 6

- 32. Lorianio: 60 anos, Kr
- 33. Xixila Bandeira: 40 anos, Kr(?)
- 34. Terezinha: 10 anos, Kr
- 35. Daniel: 3 anos, Kr
- 36. Tanasão: 2.5 anos, Kr
- 37. Terezinha: 15 anos, Kr (sem filhos)
- 38. Raimundo: 22 anos, Kr



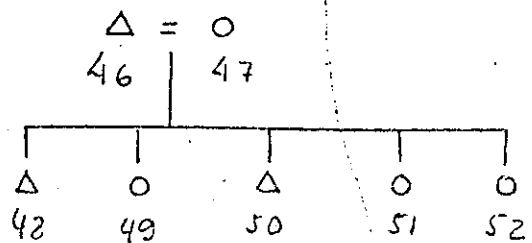
Casa 7

- 39. Juvenal: 30 anos, Kr
- 40. Chiquinha: 25 anos, Kr
- 41. Inácia: 18 anos, Kr
- 42. José: 17 anos, Kr
- 43. Põrãtxele: 5 anos, Kr
- 44. Marçilino: 5 anos, Kr
- 45. Maria: 1 ano, Kr



Casa 8

- 46. Renato: 35 anos, Kr
- 47. Teresa: 30 anos, Kr
- 48. Paulo: 10 anos, Kr
- 49. Marli: 8 anos, Kr
- 50. Luis: 6 anos, Kr
- 51. Dalo: 4 anos, Kr



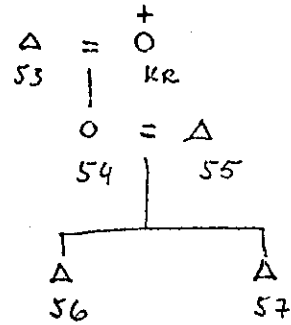
MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 10 =

52. Maria Lucia: 11m., Kr

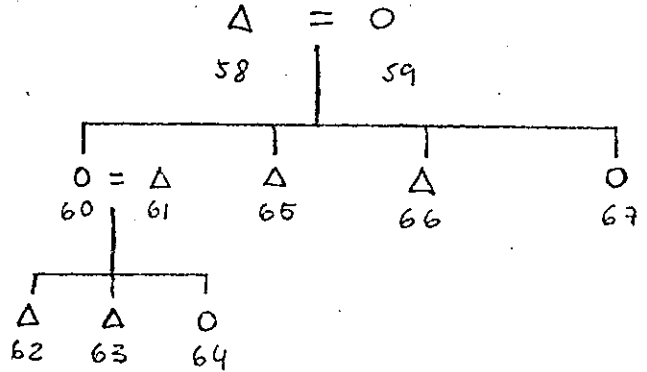
Casa 2

- 53. Zézinho Martim: 50 anos, Kr
- 54. Nidonci: (Lidionese) 35 anos, Kr
- 55. Liege: 39 anos, Gu
- 56. Ronaldo: 2 anos, Kr + Gu
- 57. Alexan: 1 ano, Kr + Gu



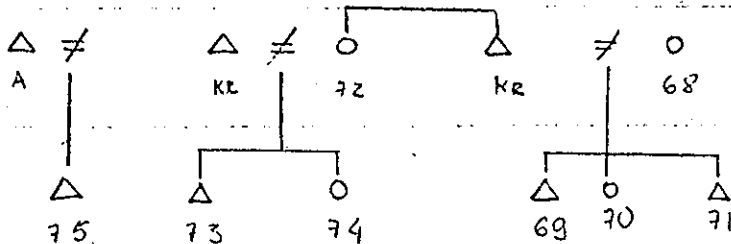
Casa 10

- 58. Mané: 40 anos, Gu
- 59. Rosa: 47 anos, Kr
- 60. Madalena: 30 anos, Gu + Kr
- 61. Modesto: 36 anos, Kr
- 62. Valdir: 11 anos, Gu + Kr
- 63. Anibal: 5 anos, Gu + Kr
- 64. Maria: 3 anos, Gu + Kr
- 65. Adão: 10 anos, Gu + Kr
- 66. Calu: 9 anos, Gu + Kr
- 67. Edite: 4 anos, Gu + Kr



Casa 11

- 68. Donatira: 26 anos, Kr
- 69. Bñis: 13 anos, Kr
- 70. Krãkri: 12 anos, Kr
- 71. Paulo: 5 anos, Kr
- 72. Maria Perdida: 30 anos, Kr (grávida de C)
- 73. Ciririca: 5 anos, Kr
- 74. Pãkrã: 3 anos, Kr
- 75. Kutú'vã: 2 anos, Kr + A

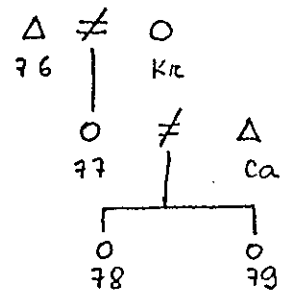


MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 11 =

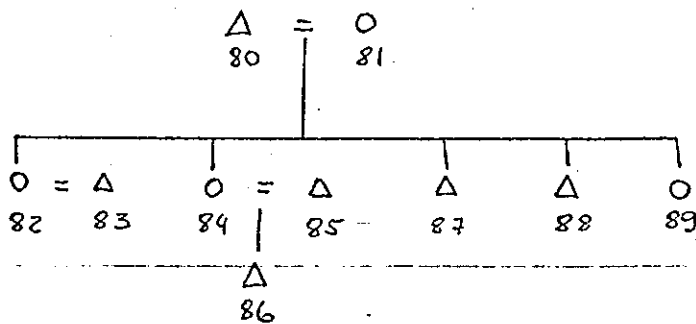
Casa 12

- 76. Fortunato: 65 anos, Kr
- 77. Mariquinha: 25 anos, Kr
- 78. Hãhãk: 4 anos, Kr + Ca
- 79. Iõ'ne: 3 anos, Kr + Ca



Casa 13

- 80. Nestor: 40 anos, Kr
- 81. Naíde: 41 anos, Kr + A
- 82. Roselene: 18 anos, Kr + A (sem filhos)
- 83. Zé: 35 anos, Kr
- 84. Terezinha: 15 anos, Kr + A
- 85. Eduardo: 18 anos, Kr
- 86. Kakuro: 1.5 anos, Kr + A
- 87. Miguel: 10 anos, Kr + A
- 88. Campelo: 3 anos, Kr + A
- 89. Brandina: 1.5 anos, Kr + A

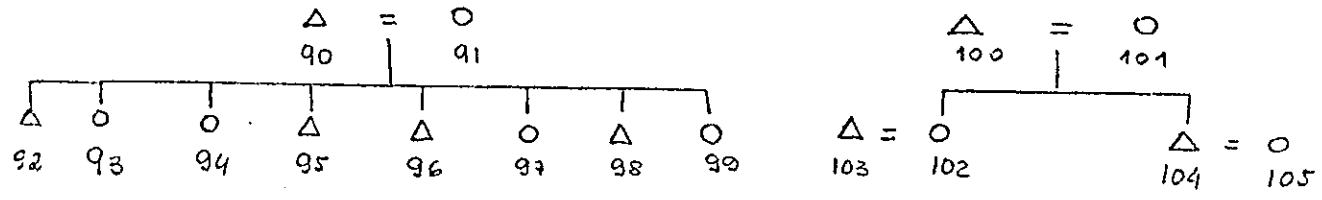


Casa 14

- 90. José Rafael Bandeira: 32 anos, Kr
- 91. Otilia: 35 anos, Kr
- 92. José: 10 anos, Kr
- 93. Maria do Carmo: 7 anos, Kr
- 94. Leandra: 5 anos, Kr
- 95. Gerson: 4 anos, Kr
- 96. Rafael: 2 anos, Kr
- 97. Elis: 3 anos, Kr
- 98. Tiago: 2m., Kr
- 99. Alexandrina: 1.5 ano, Kr
- 100. Domingos: 55 anos, Ga
- 101. Zinhara: 52 anos, Kr

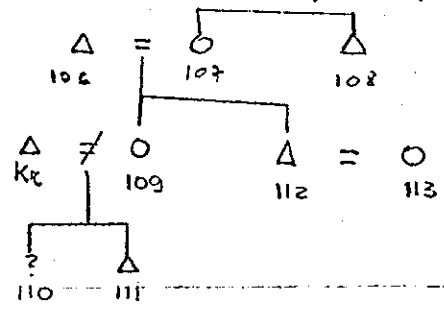
MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 12 =

- 102. Laura: 25 anos, Kr + G (grávida)
- 103. Morais: 34 anos, Kr
- 104. Benjamin: 30 anos, Kr + Ga
- 105. Graça: 32 anos, G (sem filhos)



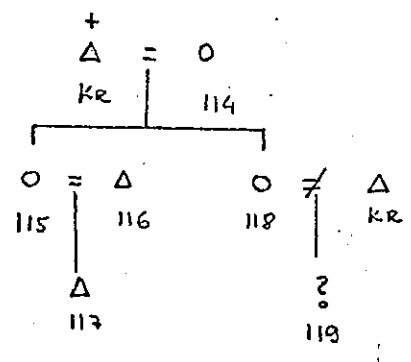
Casa 15

- 106. Luís: 55 anos, Kr
- 107. Neutonina: 50 anos, Kr
- 108. Newton: 60 anos, Kr
- 109. Joaquina: 30 anos, Kr
- 110. Prõ'ti: 3 anos, Kr
- 111. Gustavo: 1 ano, Kr
- 112. Mariano: 22 anos, Kr
- 113. Maria Lucia: 20 anos, Kr (sem filhos)



Casa 16

- 114. Elise: 43 anos, Kr
- 115. Isabel: 17 anos, Kr
- 116. Valdeci: 18 anos, Kr
- 117. Rafael: 1m., Kr
- 118. Filomena: 2.6 anos, Kr
- 119. Filorigi: 13 anos, Kr



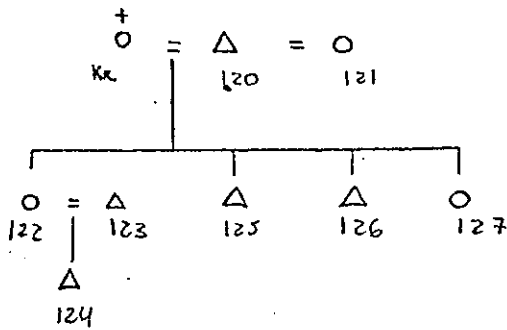
Casa 17

- 120. Francisco: 44 anos, Kr
- 121. Cesarina: 32 anos, Kr + G (sem filhos)
- 122. Turibina: 17 anos, Kr + G
- 123. Fernando: 19 anos, Gu

MINISTÉRIO DO INTERIOR

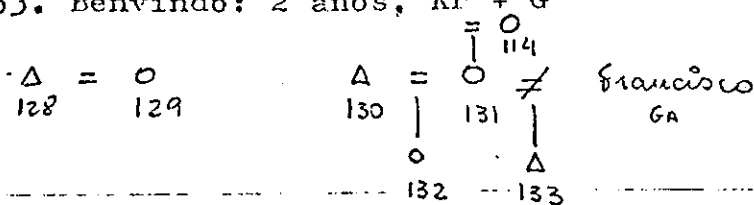
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 13 =

- 124. Davi: 2m., Kr + Gu
- 125. Bernardinho: 11 anos, Kr
- 126. Davi: 9 anos, Kr
- 127. Alexandrina: 6 anos, Kr



Casa 18

- 128. Chiquinho: 18 anos, Kr
- 129. Sandra: 17 anos, Kr (sem filhos)
- 130. Francisco: 18 anos, Kr (primo materno de 128)
- 131. Maria: 17 anos, Kr (filha de 114)
- 132. Ioiô: 3m., Kr
- 133. Benvindo: 2 anos, Kr + G



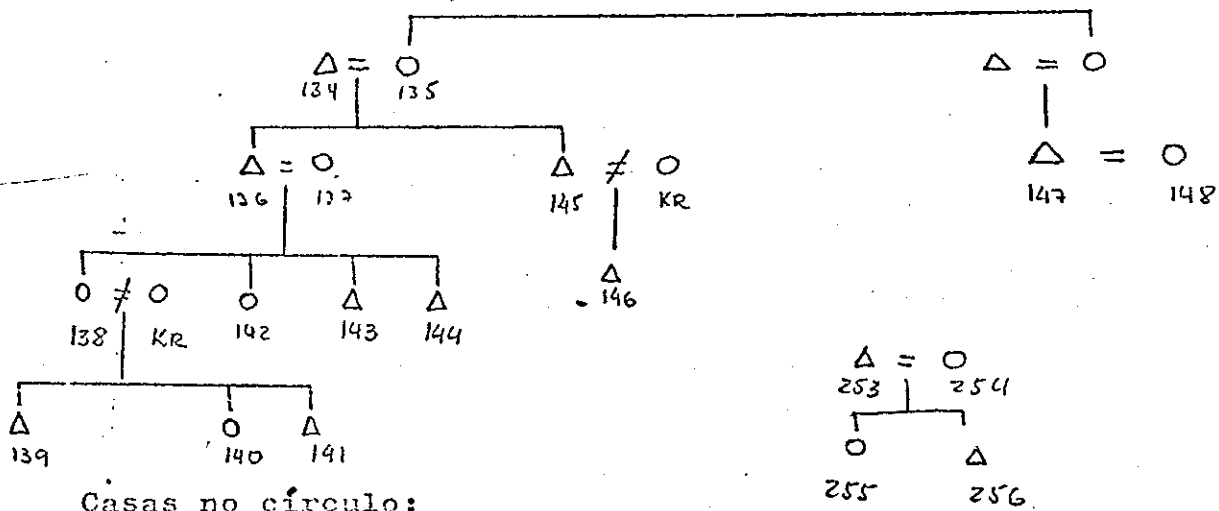
Casa 19

- 134. Zézinho: 56 anos, Kr
- 135. Eva: 52 anos, Kr
- 136. Cesar: 39 anos, Kr
- 137. Turibã: 36 anos, Kr
- 138. Maria: 23 anos, Kr
- 139. Estevão: 11 anos, Kr
- 140. Krókui: 6 anos, Kr
- 141. Luis Carlos: 1.5 ano, Kr
- 142. Maria da Graça: 10 anos, Kr
- 143. Antonio: 14 anos, Kr

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 14 =

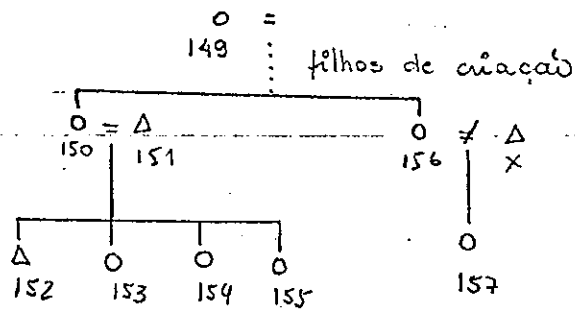
- 144. Ismádeuse: 7 anos, Kr
- 145. Pedreira: 25 anos, Kr
- 146. Viana: 5 anos, Kr
- 147. Inácio: 68 anos, Kr + G
- 148. Ana: 61 anos, Kr
- 253. Antenor: 40 anos, Kr
- 254. Aldenora: 29 anos, Kr (grávida)
- 255. Joana: 4 anos, Kr
- 256. André: 2 anos, Kr



Casas no círculo:

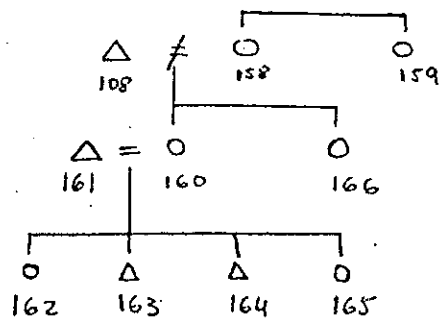
Casa 1

- 149. Laura: 70 anos, Kr
- 150. Luzia: 29 anos, Kr
- 151. Dorival: 33 anos, Kr
- 152. João: 12 anos, Kr
- 153. Arlete: 10 anos, Kr
- 154. Sílvia: 3 anos, Kr
- 155. Pã: 2m., Kr
- 156. Maria Fátima: 20 anos, Kr
- 157. Ojeri: 6 anos, Kr + X



Casa 2

- 158. Cesarina: 65 anos, Kr
- 159. Maria Grosso: 59 anos, Kr
- 160. Rosa: 30 anos, Kr
- 161. Supracílio: 35 anos, Kr



MINISTÉRIO DO INTERIOR

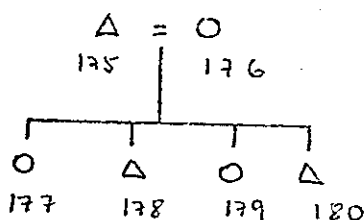
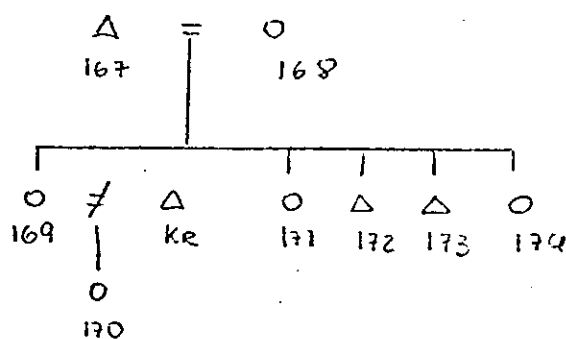
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

= 15 =

- 162. Elena: 13 anos, Kr
- 163. Marcelino: 10 anos, Kr
- 164. Simião: 3 anos, Kr
- 165. Cirlene: 1.6 ano, Kr
- 166. Maria Nilhomem: 20 anos, Kr

Casa 3

- 167. Urbano: 45 anos, A
- 168. Filomena: 40 anos, Kr
- 169. Carmosina: 18 anos, Kr + A
- 170. Moisés: 3 anos, Kr + A
- 171. Claudeci: 12 anos, Kr + A
- 172. Joãozinho: 5 anos, Kr + A
- 173. Raimundo: 4 anos, Kr + A
- 174. Maria José: 3 anos, Kr + A
- 175. Modesto: 32 anos, Kr
- 176. Madalena: 25 anos, Kr
- 177. Custódia: 12 anos, Kr
- 178. Kaquerê: 4 anos, Kr
- 179. Paigotõ: 3 anos, Kr
- 180. Yábo: 8m., Kr

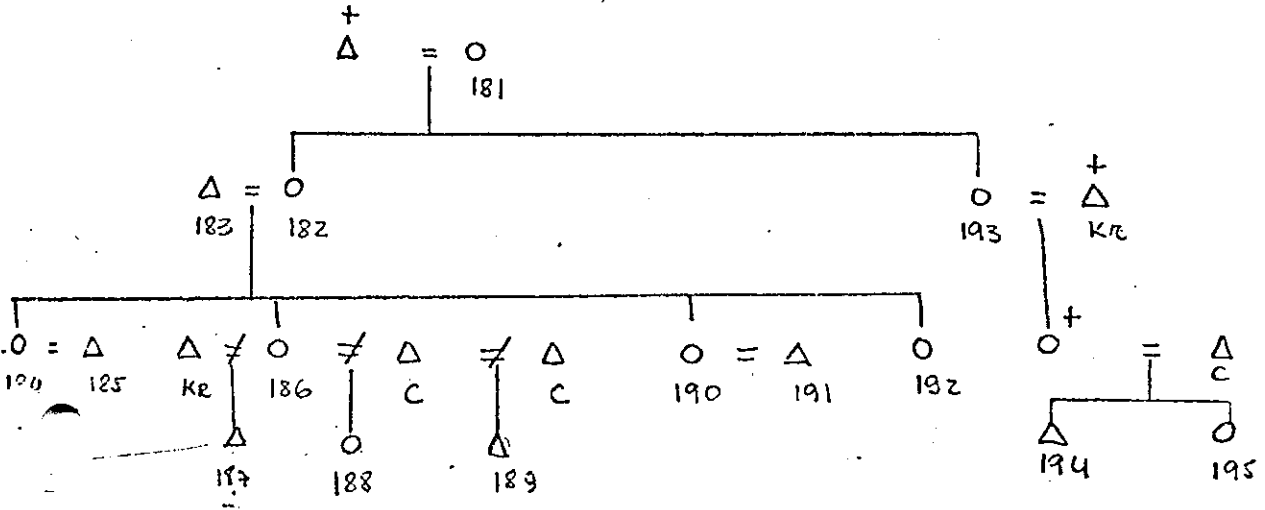


Casa 4

- 181. Pelônia: 75 anos, Kr
- 182. Eva: 45 anos, Kr
- 183. Antonio Taitara: 50 anos, Kr
- 184. Maria José: 17 anos, Kr (sem filhos)
- 185. Gerson: 20 anos, Gu
- 186. Carmogeno: 25 anos, Kr
- 187. Pahran: 10 anos, Kr
- 188. ãkró: 3 anos, Kr + C
- 189. Krók: 8m., Kr + C
- 190. Tina: 15 anos, Kr (sem filhos)
- 191. Katuká: 16 anos, Kr
- 192. Maria Elisabete: 8 anos, Kr
- 193. Joana: 51 anos, Kr

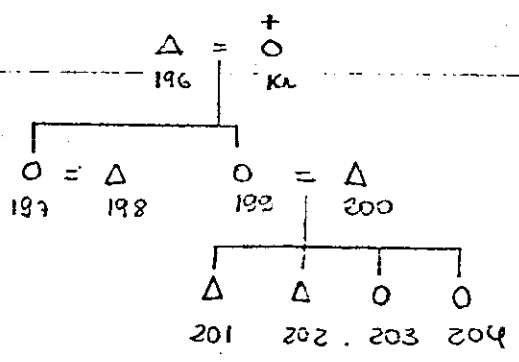
MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 16 =

- 194. Adão: 11 anos, Kr + C
- 195. Pro'Kui: 8m., Kr + C



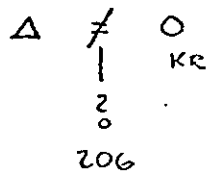
Casa 5

- 196. Torino: 68 anos, Kr
- 197. Isabel: 20 anos, Kr (sem filhos)
- 198. Severino: 23 anos, Kr
- 199. Maria: 23 anos, Kr
- 200. João: 25 anos, Kr
- 201. Kupi: 9 anos, Kr
- 202. Antonio: 5 anos, Kr
- 203. Ru: 3 anos, Kr
- 204. Iôkó: 7m., Kr



Casa 6

- 205. Agostinho: 24 anos, Kr
- 206. Kuciapã: 4 anos, Kr



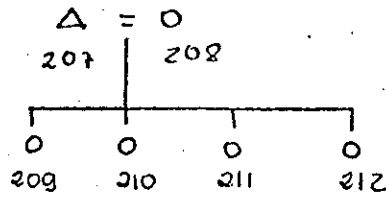
Casa 7

- 207. Zé: 28 anos, A

MINISTÉRIO DO INTERIOR

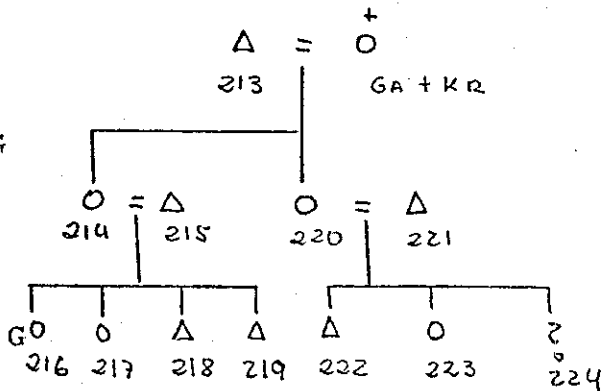
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 17 =

- 208. Mariquinha: 31 anos, Kr
- 209. Tũkui: 18 anos, Kr + A
- 210. Kaheti: 15 anos, Kr + A
- 211. Tokui: 10 anos, Kr + A
- 212. Ipei: 4 anos, Kr + A



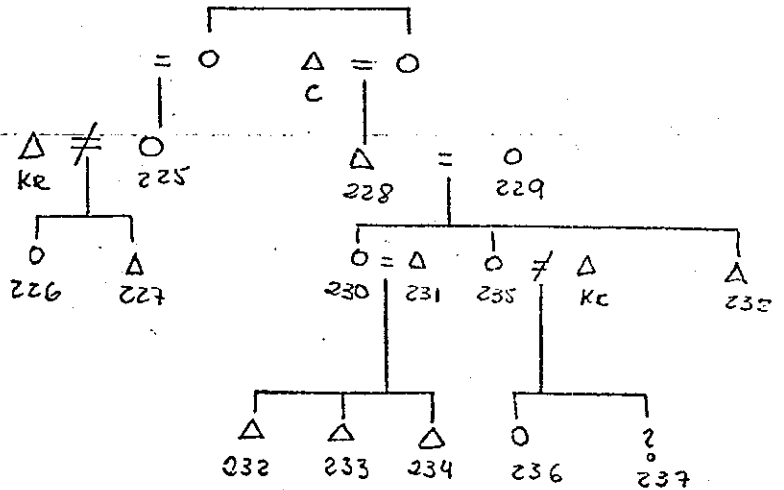
Casa 8

- 213. Artur: 65 anos, Kr + G
- 214. Jesus: 24 anos, Kr + G
- 215. José Batista: 22 anos, Kr
- 216. Terezinha: 11 anos, Kr + G
- 217. Graça: 9 anos, Kr + G
- 218. Osvaldo: 6 anos, Kr + G
- 219. Vauhi: 8m., Kr + G
- 220. Maria José: 30 anos, Kr + G
- 221. Ludozel: 45 anos, Kr
- 222. Vãkrou: 8 anos, Kr + G
- 223. Kõki: 4 anos, Kr + G
- 224. Mãtãti: 1.5 ano, Kr + G



Casa 9

- 225. Luizinha: 42 anos, Kr
- 226. Hopó: 18 anos, Kr
- 227. Adão: 23 anos, Kr
- 228. Sabino: 43 anos, Kr + C
- 229. Florisi: 40 anos, Kr
- 230. Maria: 25 anos, Kr + C
- 231. Herculano: 28 anos, Kr
- 232. Lorenzo: 12 anos, Kr + C
- 233. Dagmar: 9 anos, Kr + C
- 234. Denis: 2 anos, Kr + C
- 235. Joana: 20 anos, Kr + C
- 236. Gracimir: 4 anos, Kr + C
- 237. Hogrê: 8m., Kr + C
- 238. Mozar: 15 anos, Kr + C

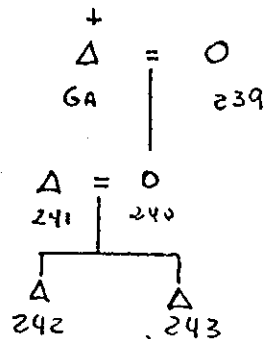


MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 18 =

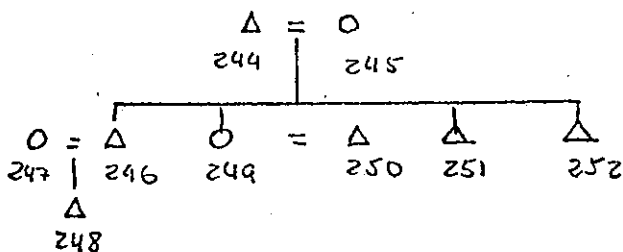
Casa 10

- 239. Maria Isaura: 35 anos, G
- 240. Helena: 16 anos, G
- 241. José: 17 anos, Kr
- 242. Jair: 2 anos, Kr + G
- 243. Valdesã: 3m., Kr + G



Casa 11

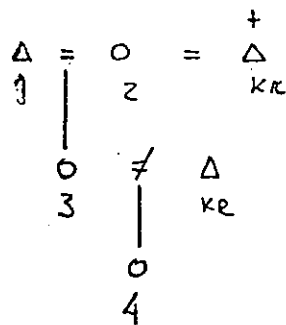
- 244. Clodovil: 36 anos, Kr
- 245. Itxuá: 34 anos, G
- 246. Silviano: 23 anos, Kr + G
- 247. Filomena: 24 anos, Kr
- 248. Kãino: 5m., Kr + G
- 249. Teresa: 15 anos, Kr + G (sem filhos)
- 250. Caboclo Sousa: 18 anos, Kr
- 251. Katxuá: 9 anos, Kr + G
- 252. Kãnãprá: 4 anos, Kr + G



Residentes na Aldeia Batôia:

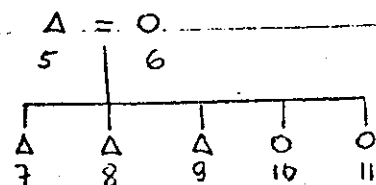
Casa 1

- 1. Pedrão: 30 anos, Kr + A
- 2. Kãpe: 39 anos, Kr + A
- 3. Fortunata: 17 anos, Kr + A
- 4. Kãpe: ?, Kr + A



Casa 2

- 5. Pereira: 30 anos, Kr
- 6. Maria Rosa: 25 anos, Kr
- 7. Sadóis: 12 anos, Kr



MINISTÉRIO DO INTERIOR

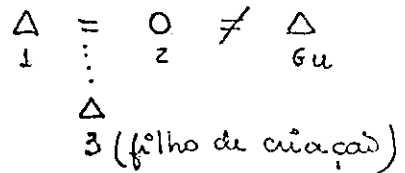
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 19 =

- 8. Pukrane: 10 anos, Kr
- 9. Kopkú: 7 anos, Kr
- 10. Kárã're: 3 anos, Kr
- 11. Mápáu: 1 ano, Kr

Residentes na Aldeia da Areia (Serra do Cipó):

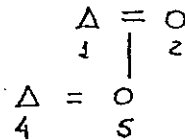
Casa 1

- 1. Fortunato: 40 anos, Gu
- 2. Maria: 45 anos, Gu
- 3. Menino: 5 anos, mestiço (?)



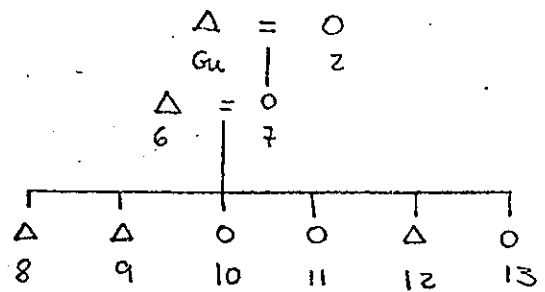
Casa 2

- 4. José: 21 anos, C
- 5. Antonia: 20 anos, Gu (sem filhos)



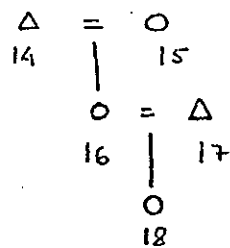
Casa 3

- 6. Aldemar: 35 anos, C
- 7. Marli: 28 anos, Gu
- 8. Cleudo: 16 anos, Gu + C
- 9. Cleides: 12 anos, Gu + C
- 10. Cleudivina: 11 anos, Gu + C
- 11. Cleudilza: 8 anos, Gu + C
- 12. Clodoaldo: 5 anos, Gu + C
- 13. Eva: 4 anos, Gu + C



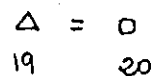
Casa 4

- 14. Manéxinho: 50 anos, Gu
- 15. Maria: 40 anos, Gu
- 16. Cuñã: 15 anos, Gu
- 17. Jacu: 39 anos, Gu
- 18. menina: 3 anos, Gu



Casa 5

- 19. José Manédio: 48 anos, C
- 20. Margarida: 55 anos, Gu



MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

= 20 =

Reside fora da área:

- filha do casal casada com C

Casa 6

21. Aurora: 58 anos, Gu

+
Δ = 0
Gu 21

Residentes na Aldeia do Dalgado (igarapé São Gregório):

Casa 1

1. Neutim: 40 anos, Kr

Δ = 0 ≠ Δ⁺
1 2

2. Brandina: 45 anos, A

Casa 2

3. Domingos: 41 anos, K

4. Nazaré: 40 anos, Kr (mãe de criação de 1)

5. Alceu: 31 anos, Kr

Δ = 0 Δ = 0 ≠ Δ
5 Kr 3 4 A
|
0 = Δ
|
0₂ 6

6. José: 25 anos, Kr + A

7. Iãtze: 17 anos, Kr

8. Pöratzê: 3 anos, Kr + A

As mães estão sempre envolvidas com os filhos menores, sendo auxiliadas nesta tarefa pelos filhos maiores, que muitas das vezes substituem as próprias mães. Tratam os filhos com atenção e carinho. Observei apenas uma vez uma mulher irritada com o filho, por este ter se descuidado de suas funções. O menino responsável pelo nenê, deixou abandonado por alguns minutos enquanto brincava. O bebê machucou o rosto. A mãe levou-os para casa, apanhou uma folha de palmeira e bateu em público no menino, repreendendo-o. Este comportamento já é imitação da educação empregada pelos regionais.

b) Demografia

A população recenseada foi de 296 Krĩkatí, assim distribuída:

- aldeia São José: 256

- Aldeia Batôia: 11

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 21 =

- aldeia Arcia: 21 (24Km do Posto)
- Aldeia Dalgado: 8

Possivelmente alguns índios não foram computados no levantamento, porque muitos tinham ido para uma festa em outro Posto, não sendo mencionados pelos informantes. Examinando a documentação existente no PI Krikatí, referente aos "Relatórios de Atividades de Assistência Social", nota-se um aumento progressivo da população, durante 8 anos.

PERÍODO	POPULAÇÃO	OBSERVAÇÃO
agosto 1971	220	
dezembro 1972	201	não há justificativa deste decréscimo
dezembro 1973	250	fevereiro: entrou 38 pessoas (de onde? Guajajara?) outubro: saíram 5 pessoas dezembro: entraram 5 pessoas
dezembro 1974	256	
dezembro 1975	285*	aumento de 29 pessoas?
dezembro 1976	288	
dezembro 1977	297	
dezembro 1978	312**	aumentou 15 pessoas
agosto 1979	317	

* No Proc. FUNAI/BSB/4937/75: 18 (15/12/75) consta 280 pessoas.

** No Projeto de DC, pág. 10, em março de 1978 havia 299 índios, tendo nascido 13 pessoas em 9 meses.

Existe uma grande disparidade nos dados relativos ao aumento da população e nos registros de nascimento e morte. Tudo leva a crer que o acréscimo da população não é por nascimento, mas devido a mobilidade social do grupo, ou seja, pessoas que saíram e entraram nas aldeias. Vejamos o quadro abaixo:

ANO	NASCIMENTO*	ÓBITO	NASCIMENTO**	ÓBITOS
1971	1	1	3	2
1972	1	3	7	6
1973	13	5	15	6
1974	8	2	7	4
1975	21	4	23	4
1976	10	8	7	8
1977	2	3	8	2
1978	13	3	15	6
1979	2	1	7	2
TOTAL GERAL	71	30	92	40

* Dados extraídos dos Relatórios de Atividades de Assistência Social

** Dados do Registro de Nascimento e Óbitos do Índio

Ao fazer o recenseamento as mães mencionaram que tinham muitos filhos falecidos. O pastor comentou que em sete anos de assistência prestada pelo Posto e pela Missão Novas Tribos do Brasil aos Krikatí, nasceram umas 150 crianças. Esta informação choca-se com aquela registrada pelo Posto: em 9 anos de assistência nasceram 71 crianças e faleceram 30.

Fazendo um paralelo entre duas informações encontradas nos arquivos do Posto, estas também divergem entre si quanto ao número de Krikatí na área:

- 1971 (?) - aldeia São José: 17 casas e 154 pessoas;
- 1972 (?) - aldeia São José: 21 casas e 184 pessoas;
- aldeia Batêia: 6 casas e 35 pessoas;

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 23 =

- aldeia São Gregório: 2 casas e 10 pessoas (esta aldeia não existe mais).

Em um ano teria aumentado 75 pessoas?

Os Krĩkatí estão distribuídos nas seguintes faixas etárias, sendo que a mais numerosa acha-se entre a faixa 0 a 4. A idade das pessoas foi calculada por sua aparência física e pela idade do seu primogênito. Há 3 mulheres grávidas.

0 - 4 : 66	40 - 44 : 18
5 - 9 : 29	45 - 49 : 7
10 - 14 : 35	50 - 54 : 7
15 - 19 : 35	55 - 59 : 6
20 - 24 : 21	60 - 64 : 3
25 - 29 : 17	65 - 69 : 5
30 - 34 : 20	70 - 74 : 1
35 - 39 : 20	75 - 79 : 1

Nas aldeias Krĩkatí há muitas pessoas de outros grupos indígenas. Ao fazer o levantamento de identificação tribal, algumas se identificaram como Krĩkatí, alegando que: qualquer "nação" que more junto aos Krĩkatí, é um deles; ou que os filhos pertenciam as duas "nações"; um Apinayé comentou que seus filhos no "papel" guardam a sua "nação" (do pai), na aldeia, são todos Krĩkatí. Apesar destas diferenciações internas, agrupamos de acordo com seus grupos de origens:

Krĩkatí: 180
 Apinayé: 3
 Krahó: 2
 Mestiços dos vários grupos: 88
 Gavião: 6
 Guajajara: 15
 Civilizado: 4

Há uma grande predominância de casamentos intertribais e apenas quatro interétnicos. Este incide mais na Aldeia Areia, casados com Guajajara. Não foi investigado o motivo que levou os Guajajara residirem nesta aldeia, isolando-se do conglomerado maior dos Krĩkatí. Na Aldeia Areia não há nenhum Krĩkatí, mas há Guajajara casados com Krĩkatí na aldeia São Jo

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

= 24 =

sé. No tempo em que Lave (1967:40) realizou pesquisa nos Krikatí, apenas um homem Guajajára mora na aldeia São José. Tentou estabelecer residência independente, mas os parentes de sua esposa não o permitiram.

Parece que há um controle por parte da Chefia do Posto e do Delegado da 6ª DR, quanto a entrada de civilizados na área dos Krikatí. Através de uma comunicação oficial do Chefe do Posto, em dezembro de 1977, ao Delegado, este solicita permissão para um "cristão" (regional) casado com uma Guajajára, morar na Aldeia Arcia. Este controle em 1978 (10/1) ficou mais rígido, chegando inclusive a fazer discriminação de sexos: "Não é permitido a permanência de civilizados dentro das áreas indígenas, mesmo quando estes são casados com índios... . . . índios casados com civilizados, estas poderão residir na área indígena" (Mem. nº 06/6ª DR).

Esta vigilância descabida sobre os casamentos interétnicos é completamente incoerente com a política de "integração" pleiteada para os grupos indígenas. Os caboclos interagem social e economicamente com os regionais, sendo óbvio que estas relações se estreitem através de laços matrimoniais. É uma arbitrariedade por parte do Órgão coibir ou interromper este "continuum" social estabelecido pelas duas etnias, mesmo sabendo que estes laços não serão duradouros, ou que os civilizados ao casarem com índias estejam garantindo um pedaço de terra para sua sobrevivência. As opções individuais devem ser respeitadas. Cabe à FUNAI apenas supervisionar o comportamento de elementos estranhos, a fim de não prejudicarem a comunidade com atitudes nocivas ou alheias a cultura do grupo.

Até junho de 1979 havia 9 índios aposentados pelo FUNRURAL, havendo outros a serem aposentados. Recebem Cr\$ 1.134,00 na faixa de idade de 65 a 70 anos, mas depois dos 70 anos percebem uma ajuda de Cr\$ 987,00. Muitos estão enquadrados no segundo item, porque o Chefe de Posto equivocou-se em suas idades e desconhecia os regulamentos de aposentadoria. Para diminuir as despesas dos aposentados, o atendente de enfermagem que responde pela Chefia, obteve uma procuração dos índios

para retirar o dinheiro do Banco, em Imperatriz. Os índios ajudam a pagar as despesas do atendente na cidade.

III - Organização Econômica

a) Agricultura

Nos Krĩkatí não foi aplicado nenhum levantamento sócio-econômico, portanto, o relatório não aborda com profundidade os aspectos mencionados nele. Os dados registrados foram aqueles visualizados em campo. Não foi feita análise no Projeto de Desenvolvimento Comunitário do PI Krĩkatí, de julho de 1978, mas carece que seja realizado, para a sua posterior reformulação. O Projeto de 1978 tem as características do anti-projeto apresentado pelo Auxiliar Técnico Agrícola, da 6ª DR, em dezembro de 1975 (Processo FUNAI/BSB/4937/75: 17). As informações sobre o Projeto foram fornecidas pelos índios, missionário e atendente de enfermagem, pois o técnico agrícola já não atuava no local e o Chefe do Posto fora transferido há dois meses atrás.

A roça coletiva do Projeto foi implantada como experiência, sendo que seria iniciada com 10 índios dentre os 51(?) chefes de família existentes no Posto (Projeto, 1978: :10). A área do cultivo seria de 25 linhas (1 alqueire: 16 linhas). Na prática a experiência não deu resultado, pois todos queriam participar da roça coletiva, apesar das roças individuais serem também incrementadas pelo Projeto. Segundo fontes do Posto foram repartidas ferramentas agrícolas para 54(?) famílias e 10 jovens solteiros.

Durante o desenrolar do Projeto ocorreu vários atritos, devido a inabilidade do Chefe do Posto em executá-lo, no descrédito dos índios nos resultados do Projeto e na recusa dos mesmos em irem periodicamente trabalhar na roça coletiva. O trabalho era voluntário e pago todas as etapas, pois não trabalham em troca de comida. Segundo o relatório do Chefe de Posto, de 30 de novembro de 1978, este relata que na etapa da broca houve relutância da comunidade em participar do trabalho experimental. Não houve participação efetiva dos líderes indíge

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 26 =

nas, apesar da chefia enfatizar a importância dele. O índio trabalha quando quer (Proc. FUNAI/BSB/583/79).

Contam que o técnico agrícola também decepionou os índios, devido ao seu despreparo para trabalhar em comunidade indígena. Deve haver um curso de preparação para técnico agrícola com uma prévia seleção de candidatos. O técnico necessita ficar na roça com os índios o dia todo, incentivá-los, além de recrutá-los em suas casas para irem trabalhar. A função do técnico agrícola é muito mais do que um mero organizador de tarefas agrícolas e selecionador de sementes. É um professor, orientando e assessorando seus companheiros em um mister que é tradicionalmente conhecido dos índios. Os índios devem sentir que o técnico agrícola é um "igual" a eles e não um superior todo poderoso, emitindo ordens e regras a serem cumpridas dentro de prazos e cronogramas pré-estabelecidos.

A implantação do Projeto de DR (com um caráter eminentemente econômico) fez-se tardiamente em dezembro (Belfort, 1978: 2), quando deveria ser iniciado em julho (Projeto, 1978: 19). O plantio iniciou em janeiro de 1979, quando deveria ser em novembro de 1978. Foi distribuído dois sacos de feijão (no Projeto está registrado 3 - pág. 14), com 127K, sendo que um foi dividido entre os membros das roças individuais e outro foi plantado na coletiva, tendo apodrecido parte do feijão que ficara mal protegido. Colheram 6 sacos de feijão. O Delegado da 6ª DR quer que o vendam a Cr\$ 60,00, mas a semente foi comprada por Cr\$ 1.200,00 (ou 720,00?). Usaram adubo. Foi cultivado 3 sacos de arroz (no Projeto consta 6 - pág. 14) em 5,5ha, colhendo 108 sacos. Nas roças particulares não foi plantado o arroz que custa Cr\$ 380,00 o saco, é para o consumo interno. Muitos guardam os cachos de arroz dentro de casa, em cima de um jirau altíssimo. Os índios atualmente só se alimentam com arroz, apesar dos esforços do capitão em não consumi-lo tão rapidamente e vender algumas sacas. A roça de arroz do índio Artur foi destruída, devido a um incêndio na chapada que se alastrou, atingindo-a. Dos 12 sacos de milho a serem distribuídos às roças familiares, apenas um foi dividido (Projeto, pág. 14) e plantado apenas 2ha. É época de plantar milho na capoeira.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 27 =

Para melhor controle da pesagem dos produtos, o Projeto comprou uma balança grande e outra pequena. Para armazenar as mercadorias foi construído um depósito rústico que custou Cr\$ 16.000,00. O capitão emprestou Cr\$ 6.000,00 para acabá-lo, sendo reembolsado pela Delegacia há pouco tempo atrás.

Apesar dos entraves surgidos durante a execução do Projeto, este produziu seus benefícios, gerando satisfação para uns e surgimento de novas esperanças para outros. Esta animação foi passageira, pois era meados de setembro e o Projeto não tivera prosseguimento, conforme o planejado (Projeto, 1978: 18), além dos índios estarem desnorteados para darem continuação nas atividades.

Por iniciativa própria, resolveram dar prosseguimento ao Projeto, dividindo a antiga roça coletiva em lotes familiares/individuais, como estavam habituados, anteriormente. Também outros índios permaneceram trabalhando em suas roças individuais. Há informações de roças perto do riacho Baixa Funda e do São José. As roças ficam perto de riachos e de onde restam mata, localizando-se a 1 ou 2km de distância da aldeia. A área é única e depois de preparada é repartida entre as famílias aparentadas entre si - grupo doméstico (genros, irmãs, cunhados..). Perto da ponte há roças e capoeiras, e também próximo a Serra Taçoquinha, dos riachos Boa Vivenda e do Gavião.

A Delegacia estimula os Krikatí na continuação dos trabalhos, prometendo conseguir Cr\$ 90.000,00, pois querem comer carne durante a execução do Projeto. O técnico agrícola do PI Governador os assessoria periodicamente. Pretendem plantar 42 linhas de roça, para isso iniciaram a roçada. Esta roça fica a menos de 1km do Posto. Desde 20 de agosto não para de chover, não sendo possível queimar os paus derrubados nas roças. Se fizer 15 dias de sol, ainda daria tempo de queimá-los e plantar as roças, caso contrário, o ano que vem haverá fome para o índio e o regional. Não é costume trabalharem nos feriados e fins de semana.

Não é época de batata doce (o tatu pela destruiu a plantação), mas de inhame (são grandes), de mandioca

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 28 =

cava (está crescendo) e de outra espécie de mandioca que põem de molho n'água para depois fazerem farinha (compram a Cr\$ 12,00 o prato em Montes Altos), que é o prato mais apreciado pelo grupo. Plantam amendoim (mudubim), inhame (kreru), ananá, cana-de-açúcar, mandioca mansa (fazem garapa, é doce), fava (esta queimou-se num incêndio), arroz miúdo (não se desenvolve bem na capoeira), milho pipoca, algodão para confeccionar rede, banana, mamão, melancia e abóbora. Não cultivam laranjeira porque a formiga come a muda. Os sítiantes os agraciam com laranjas, quando as vendem é por Cr\$ 20,00 o cento. Às vezes coletam nas taperas dos "eristãos".

O jantar é servido entre as 16-16:30h. A refeição normalmente é composta de arroz, feijão(às vezes) e farinha. O alimento é dividido entre os parentes. A mandioca está acabando. Para fazer fubá, usam a seguinte técnica: o milho é torrado com areia para não queimar, depois de pilado é misturado com açúcar ou rapadura. Vi um homem velho ajudar uma mulher a pillar o arroz. Há pouquíssimos pilões na aldeia, estes são emprestados. A alimentação é reforçada com frutos silvestres: buriti (em outubro), jussara, bacaba (em outubro), oiti e buritiana que caem da árvore por ocasião da época da chuva. Quinze dias após seu amadurecimento inicia-se a temporada chuvosa.

As roças são cuidadas pelos membros da família. A maior roça tem 6 linhas e a menor 1 1/2 linha. Toda a área Krĩkatí é cultivável, com exceção das Serras (há muitas), pois o plantio nas encostas não se desenvolve. Os índios não podem se expandir porque estão ilhados por posseiros.

Nem todos os homens se dedicam a agricultura, como meio de subsistência. Alguns (30) estão abrindo a faixa de servidão da CHESF, em Imperatriz, porque pagam Cr\$ 80,00 por dia, pagamento considerado bom para a região, além de receberem 3 refeições; uma vez por dia servem carne acompanhada de arroz, feijão e farinha (alimentação habitual aos índios). Os Krĩkatí gastam o ordenado antes de chegarem à aldeia. Houve um atrito com o pessoal da CHESF e os trabalhadores índios, porque na ocasião do pagamento nunca tinham troco. Os índios se sentindo lesados, largaram a CHESF, permanecendo nesta tarefa, apenas

9 índios. Talvez ativando-se o Projeto de DC, os Krĩkatí sintam-se reanimados em trabalharem somente no Posto Indígena, diminuindo um pouco a mendicância, pois precisam de dinheiro para comprarem comida e fumo.

Os "cristãos" (Kunã) que têm seus sítios ao redor da aldeia, utilizam-se às vezes da mão-de-obra indígena para trabalharem em suas roças. Observei entendimentos na casa de um índio. O sitiante ofereceu Cr\$ 60,00 o dia e uma refeição; o índio regateou a oferta até chegar a Cr\$ 80,00. Para limpar uma linha reta de roça em capoeira custa Cr\$ 500,00.

No círculo das casas há um índio (Guajajá ra?) que pôs uma cantina, utilizando de seus próprios meios e esforços. Iniciou-a com a revenda de sal e hoje vende: sabão em pedra e em pó, bom bril, querosene, bala, óleo, bolacha, açúcar e sal. Talvez fosse interessante a FUNAI ajudá-lo com um pequeno financiamento, uma vez que só vende produtos estritamente necessários ao grupo.

b) Pecuária

Quase todas as famílias criam galinhas. Há um índio que deu 15 galinhas para um sertanejo criá-las, porque na aldeia os seus parentes têm direito de matá-las. Uma galinha é vendida por Cr\$ 150,00 e em Imperatriz, é por Cr\$ 200,00. Uma dúzia de ovos é Cr\$ 35,00. Algumas famílias têm porcos e outras pretendem iniciar sua criação. No tempo do Chefe de Posto, Salvino, um técnico de Brasília, fez um levantamento dos suínos existentes na aldeia e mandou que os matassem porque estavam doentes. Havia famílias que possuíam umas 30 cabeças de porcos. Vende-os em Imperatriz ou para os sertanejos, a fim de adquirirem roupas. O leitão é vendido por Cr\$ 100,00. O capitão é o único que faz criação de ovelhas e cabritos.

Na área Krĩkatí não há retiro para criação de gado, mas pretendem começá-la através da doação de 200 reses pela CHESF. Querem também como indenização cinco cavalos para os vaqueiros cuidarem do gado. Um alqueire de terra comporta

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 30 =

somente duas reses. Dizem que há índios proprietários de cavalo e gado. Talvez após a retirada dos sitiantes da área, haja lugares adequados para se implantar uma atividade pecuária, a fim de compensar a falta de proteína do grupo.

c) Caça

A caça está rareando, devido as poucas matas existentes e a super-população sertaneja na área Krĩkatí. O rastro da caça está sendo substituído pelo rastro do gado, com muita rapidez. Ainda é encontrada a cotia, quati, paca, tatu peba e rabricudo, macaco prego, guariba, preguiça, caititu, veado do mato, raposa, bandeira, gato maracajá (pele), capivara, jaboti e quando. Os pássaros também são caçados: papagaio, aracuã, pato, curico e nambu.

Os animais são caçados com flecha ou espingarda, dependendo se possuem munição. Sempre saem armados com arco, mas seu uso é simbólico, como bem expressou o Chefe do PI Governador. Apesar do Projeto não constar de doação de espingardas, tipo socadeira, em 1978, foram distribuídas 13 espingardas e em março de 1979, mais quatro pessoas também as receberam, segundo registros do Posto.

Apesar da Polícia Federal apreenderem os vendedores de peles de animais, os Krĩkatí vendem escondidos couro de veado por Cr\$ 30,00 e pele de maracajá por Cr\$ 1.500,00. Vendem pássaros aos "cristãos", para aumentarem o orçamento doméstico. Um casal de periquito é vendido por Cr\$ 50,00.

d) Pesca

A pesca está escasseando na região, mas ainda é encontrado curumatã, traíra, carazinho, sabão, cachorriño, piranha e terrá (piauí). Pescam com anzol, flecha (os homens), tarrafa (feita e usada por mulher, é de algodão) e timbó. Os "cristãos" não gostam que os índios utilizam este veneno, porque o gado ao ingerir a água, morre. Reclamam quando os índios vão tarrafar, porque sujam a água. Estas reclamações são infundadas, pois os riachos e rios estão dentro da área indígena, intru-

sada de civilizados. Enxerguei apenas uma família assar nas brasas uns lambaris para os filhos.

e) Artesanato

O artesanato é a maior fonte de divisas para o grupo, além de usarem uma grande maioria deles em seus ritos e na vida cotidiana. Os objetos que são destinados a comercialização são adulterados, devido a escassez de matéria-prima local, ou adaptado ao gosto dos turistas. É costume venderem peças em Imperatriz, Quiosque e Montes Altos. É comum ver-se visitantes que transitam pela estrada que fica à beira da aldeia, entrarem nela para adquirirem material indígena. Os índios deixam um estoque de artesanato pronto e correm ao local, quando vêm os carros dos turistas chegarem. A fim de evitar este constante trânsito de viajantes na aldeia, a 6ª DR deveria abrir um posto de venda de artesanato em Imperatriz, ou mensalmente adquiri-lo para vender nas lojas particulares das cidades próximas. A loja da Artíndia em São Luis compra algum material, mas há grande diferença de preço entre o estabelecido por ela e o vendido pelo índio aos turistas. Às vezes estes pechincham para venderem mais barato, mas não cedem. Um colar leva 2-3 dias para ser confeccionado. Os Krikatí preferem não vender para a FUNAI, só o fazem, quando viajam para São Luis ou Brasília.

A tabela de preço na área é:

- cesta (cái): Cr\$ 40 a 100,00 dependendo o tamanho e se enfeitada com fibras de guarumã (esta palmeira não existe no Posto, sendo trazida do PI Governador)
- cofo: Cr\$ 60,00 (feito do olho da piaçaba ou babaçu)
- mocó grande: Cr\$ 80,00
- arco com 3 flechas: Cr\$ 100,00 - na Artíndia: Cr\$ 30,00
- colar: Cr\$ 35,00 ou Cr\$ 15,00 (quando de 1 volta) - na Artíndia Cr\$ 20,00
- cuia: quase não é vendida
- jacá: Cr\$ 100,00 (sortanejos os encomendam)
- abano de lascas de taquara: Cr\$ 60,00 (para abanar arroz)
- abano de lascas de buriti: Cr\$ 20,00
- pencira de guarumã: Cr\$ 150,00

As cesterias Krikatí feitas por homens, são belíssimas, principalmente as cái que portam os mais variados motivos. Os enfeites da cái são feitos com guarumã, que dura mais. Em sua falta, protegem a fibra do buriti (amarelada) com carvão diluído no sumo da casca do pau pomba. Grandes quantidades de cestas de diferentes formatos ficam dependuradas nas traves ou corrimões das paredes ou telhados das casas. Nelas são guardados objetos, roupas e alimentos. As esteiras são adquiridas pelos fazendeiros para colocarem mantimentos. Não é vendida pela Artíndia, apesar de ser uma peça que serve como decoração nas casas de civilizados.

Os colares são confeccionados por homem, mulher e crianças. As penas de araras dos colares estão sendo substituídas pelas de outros pássaros, diminuindo o valor da peça. Esta é amarrada com imbé. Este fica de molho durante duas semanas, protegendo. Depois o imbé é posto a secar ao sol. As penas de arara vermelha são trazidas do PI. Araribóia (Guajajára). Trazem pacará (cesta) que os índios não fazem, por penas de arara, ou compram o couro com as penas por Cr\$ 15,00. Na época que escasseia a matéria-prima, os Guajajára vendem mais caro as penas.

As contas vermelhas e pretas muito utilizadas nos colares, são encontradas em qualquer lugar da área. A conta vermelha, miúda, chamada mulungú é cultivada na roça ou ao redor da casa. Para furar as contas utilizam a seguinte técnica: quatro estiletes de ferro esquentados no fogo, em que se encontra uma panela com água e as contas, a ferver, para amolecê-las. O estilete que é afiado em pedra, é esquentado várias vezes durante sua utilização, após esfriarem, havendo revésamento dos estiletes quando esfriam. O estilete está encaixado numa peça de madeira, por onde é manuseado. A conta quente que é retirada da panela com colher, é colocada numa vareta de madeira, parcialmente aberta, tendo um círculo no meio dela, onde é posta a conta para furá-la. Com o estilete bem quente, é perfurado o miolo da conta, saindo fumaça. Este processo é realizado delicadamente para não partí-la. Esta atividade foi constantemente exercida pelas mulheres, nas folgas domésticas, durante todo o tempo que permaneci na área.

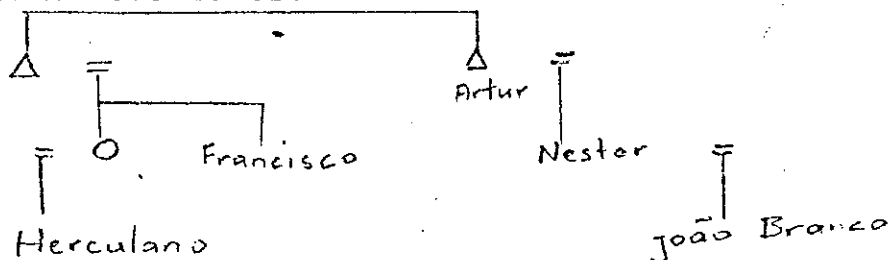
MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 33 =

A água é trazida e guardada em cabaga. Vi uma índia confeccioná-la: numa cabaga (ou porongo) verde foi feito um furo em uma de suas extremidades. Com um pedaço de taquara foi retirado internamente as sementes e o miolo ("carne"). Depois é colocado água, na cabaga, permanecendo com ela uma semana, para terminar de amolecer o miolo. O trabalho foi executado na periferia do pátio da aldeia.

IV - Organização Política

Não investiguei sobre este item. Os índios Herculano e João Branco, auxiliares do capitão, foram colocados neste cargo pelo capitão Francisco, parente deles. Diagrama este parentesco temos:



a) Relação com a Administração do PI Krĩkatí

O Posto possui uma excelente infra-estrutura. A casa sede foi construída em 1973 e a enfermaria e a escola em 1978. O Posto está com falta de um rádio-fonia e de uma viatura, indispensáveis para um atendimento normal do Posto. O missionário da MNTB possui uma Rural que muitas vezes é usada para atender as necessidades do Posto, mas ^{nem} sempre este se encontra na arca. Outras vezes nem ele e nem o Chefe do Posto têm dinheiro para comprarem gasolina. A FUNAI precisa suprir com urgência estas duas deficiências e melhor planejar suas programações internas.

Ao lado do círculo de casas foi construído em 1966 uma pista-de-pouso. Atualmente está em desuso, tendo ao longo delas casas de índios.

Faziam dois meses que o Chefe de Posto (José Maria Baima Belfort - assumiu em novembro de 1977) e sua

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 34 =

esposa, que era professora, foram transferidos. O motivo dessa transferência foi um acúmulo de destendimentos do Chefe do Posto com a comunidade. O Chefe foi expulso, devido a sua intransigência e inflexibilidade ao administrar o Posto. Foi rotulado de neurótico e despreparado para exercer suas funções nos Krikatí. Não tinha diálogo com os índios e os missionários. Não procurou entender a cultura do grupo. Recebia os índios e o capitão na janela da casa do Posto. Era sistemático e cumpridor das ordens hierárquicas, método que na prática nem sempre funciona, criando hostilidades e inimizades com os caboclos.

O incidente que culminou com sua saída, ocorreu por causa do funcionamento do chafariz (ou bica) que foi construído (o poço artésiano) pelo Projeto. O motor do chafariz era ligado de manhã e ao entardecer. O armazenamento d'água em pequenas cabaças era insuficiente para abastecer as casas e banhar as crianças. O racionamento de óleo era visto como sovinação do Chefe de Posto, quando este recebia Cr\$ 1.500,00 mensais para sustentar os gastos do Posto. Um tonel de óleo custa Cr\$ 1.700,00, durando dois meses. Atualmente com o reservatório atingirá a três meses. Como o Chefe se mantinha rígido em suas determinações, não atendendo as solicitações do capitão para ligar o motor fora da programação, o capitão perde a paciência, dirige-se para a casa do Posto, com a intenção de matá-lo. Este foi salvo por sua esposa, Andila (monitora bilíngüe Kaingáng, apreciada pelos Krikatí), que deu um tiro no ar, assustando os índios. Na mesma noite, o missionário retirou furtivamente do Posto a família do Chefe. Querem que o atendente de enfermagem seja o Chefe do Posto e sua esposa, a professora.

Para solucionar o problema da bica, foi construída ao lado dela quatro caixas d'água, em que armazena um bom estoque, diminuindo o desperdício, sendo a água utilizada durante algumas horas. Assim normalizou a situação de acordo com os hábitos culturais do grupo. As crianças que estão acostumadas a banharem-se várias vezes ao dia, aproveitam a ocasião de encherem as cabaças, para brincarem com água. A noite ou ao entardecer o pessoal banha-se nas torneiras. As caixas d'água levam 20 minutos para encherem, sendo atualmente ligado o motor quantas

vezes necessitar.

Os Krĩkatí não gostam de se hospedar na Casa do Índio, em São Luís, porque passam fome. Examinando os registros do Posto há um documento que informa que a Casa do Índio, em 1976, só hospedava índios doentes tendo o direito de levar um acompanhante. Índio em trânsito a Delegacia não pagava as passagens. Em São Luís visitei a Casa do Índio, estando esta limpa, em ordem e a alimentação servida era de boa qualidade. O local é inadequado, pois encontra-se no centro da cidade, onde o trânsito e o movimento são intensos. A Casa pertence a FUNAI e está tombada no Patrimônio Histórico, não sendo permitido modernizá-la. O ideal é vendê-la e comprar outra, em lugar mais sossegado e menos perigoso para as crianças e aos índios menos habituados a cidade. Acho que os Krĩkatí e outros índios associam a Casa do Índio como um lugar onde vão para morrer, pois são removidos da aldeia quando o caso de recuperação é impossível. Além disso, o horário das refeições não é de acordo com os hábitos culturais dos grupos indígenas hospedados. Os funcionários dizem que servem lanches de manhã e a tarde.

Os índios reclamaram que não são bem recebidos na 6ª DR e em Brasília. Os deixam esperando horas a fio para serem atendidos, fingem que não os enxergam e continuam conversando. Não atendem suas reivindicações. Isto é verdade no que se refere a Brasília, em certos Departamentos.

b) Relações com os Regionais

Os Krĩkatí têm um relacionamento amistoso com os sertanejos porque um depende do outro para suprirem suas necessidades. Este relacionamento é superficial, pois ambos pleiteiam a mesma área para sobreviverem. É comum ver atravessando a aldeia, a pé ou a cavalo, civilizados que se dirigem para seus sítios. Quando tinha o antigo Chefe de Posto, este proibia a passagem pela aldeia, agora que foi afastado, o trânsito reiniciou.

Os índios há anos convivem com a estrada de rodagem, antes da FUNAI instalar o Posto na aldeia. Primeiramente esta era subordinada ao PI Araribóia. A estrada municipal

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 36 =

passava no meio da aldeia, sendo ponto de parada de ônibus e de caminhoneiros, causando muito distúrbio na comunidade. Em 1975 foi iniciada a construção de uma estrada melhor pelo DERMA, a MA-280, ligando Montes Altos a Sítio Novo. O traçado inicial era para continuar cruzando no meio da aldeia, mas como o Chefe de Posto daquela época e os Krĩkatí não concordaram, a estrada passou a 700m das casas. Nos documentos do PI encontrei dados que mostram a atuação do Chefe do Posto, em março de 1976, nos quais comunica ao Delegado da possibilidade de desviar a estrada de 3 a 6km do traçado original. O passatempo atual dos índios é ir para a beira da estrada, apreciarem a passagem dos veículos. Nenhuma indenização foi tratada pela FUNAI ou pelo DERMA.

Na reunião realizada na aldeia, em 06/9/78, foi estabelecida as indenizações a serem pagas pelo DERMA, CEMAR e CHESF. Não souberam calcular quantas árvores foram abatidas para a DERMA construir a estrada, mas foram poucas. Desejam como recompensa pelas perdas, que os currais e os piquetes sejam cercados com seis fios de arame farpado, sendo os moirões de cimento, de 2m. Inicialmente queriam que o perímetro da área fosse todo cercado, achamos que esta solicitação seria inviável, devido a extensão da mesma. Em São Luis estivemos no escritório do DERMA, mas não fomos atendidos porque era no período da tarde, além de não estar presente nenhum advogado ou representante da Diretoria.

A estrada MA-280 causou inúmeros inconvenientes à comunidade. Aumentou o índice de prostituição, de doença venérea e de bêbados. Quando embriagados ficam agressivos e querem matar os companheiros. Nas suas brigas sempre alguém acaba ferido. Trazem bebida alcoólica para a aldeia. Dizem que não há proibição neste aspecto. Muitos índios embriagados são encontrados nas beiras das estradas e nas cidades vizinhas.

Verificando o arquivo do Posto, há vários documentos do Chefe do Posto, que mostram as providências adotadas por ele. Em janeiro de 1978 solicita apoio à Delegacia de Polícia de Montes Altos e de Sítio Novo, sobre a proibição da venda de cachaça aos índios. Um litro de aguardente custa Cr\$ 20,00. Novamente em fevereiro de 1979, faz divulgação sobre a proibição

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 37 =

das vendas, nas mesmas cidades e em Imperatriz. Índios embriagados são presos nas cidades por ordem da Chefia. No Ofício nº 04/78/PI Krĩkatí, o Chefe do Posto informa as Delegacias de Polícia de Sítio Novo e Montes Altos, que estão autorizados a prenderem por 24 horas os índios encontrados embriagados e fazendo desordens nas cidades. Em dezembro de 1978, três Krĩkatí são presos e em maio de 1979 mais um índio é preso em Sítio Novo. Não adianta proibir a venda de cachaça ou levar índio preso. Há necessidade que seja investigada as razões que os levam a ingerirem álcool em demasia. Possivelmente um Projeto de DC bem estruturado e implantado, minimize este problema.

Uma índia morreu em fevereiro de 1979, quando viajava à Imperatriz, no ônibus da Empresa Lira de Ouro, que tomou. O pai dela receberá a indenização de Cr\$ 50.000,00, sendo repartida uma parte com o genro. Há uma disputa entre os dois, porque o rapaz casou antes de cumprir o período de luto, achando-se assim o sogro com o direito de usufruir a indenização sozinho. Com este dinheiro pretende construir uma casa de adobe, comprar quatro rezes, 10 leitões (bacuris) que ficarão presos no chiqueiro, algumas galinhas, um casal de ovino, implementos agrícolas, sementes e abrirá uma cantina. Pagará Cr\$ 1.500,00 que ficou devendo na pensão, por ocasião da morte da filha. O restante da verba colocará num Banco.

Outro caso ocorreu quando uma índia embriagada foi apanhada na pista por um carro, em Imperatriz. Levava no colo uma criança de dois meses, que saiu ileso. Está sendo cuidada pela avó materna.

Com a abertura da estrada de rodagem, estimulou o hábito tradicional de empreenderem viagens às cidades próximas e distantes, a procura de presentes e comercializar o artesanato. Segundo a antropóloga Lave estas viagens têm um cunho social. No regresso contam em detalhes os acontecimentos da viagem. Os bens trazidos são rapidamente distribuídos entre os parentes e afins (1967: 69).

A FUNAI vê a saída dos índios das aldeias como um fato deplorável. Sempre que possível são barrados, vigia

dos e reconduzidos para suas aldeias, utilizando os argumentos mais variados. No caso dos Krĩkatí, há vários documentos no Posto que comprovam este comportamento. Muitas vezes o Chefe do Posto é enquadrado disciplinarmente, por não ter exercido com proficiência o papel de fiscal e de "babá" de índios. Em 1976 o Diretor do DGO solicita que o Delegado da 6ª DR, controle a saída de índios para Brasília, exigindo que o Chefe do Posto tome medidas mais sérias. As proibições de livre trânsito foram ficando mais arroçadas com o decorrer do tempo, pois em 1978, 11 Krĩkatí se deslocaram para Salvador a fim de procurar alimento e vender artesanato. O Chefe de Posto pede que a Polícia Rodoviária Federal do Maranhão os reconduza ao Posto, não os deixando viajar sem sua autorização. Tornam-se "prisioneiros" dentro de seu habitat.

Não há porque a FUNAI se preocupar com o deslocamento dos índios das áreas, quer estes tenham cunho turístico, comercial ou reivindicatório. Estas viagens acarretam ônus ao Órgão, mas este deve ser expendido, se o seu objetivo é "integrar" lenta e harmoniosamente os indígenas na sociedade nacional. Muitos índios têm condições de financiarem parcial ou totalmente suas viagens. É comum burlarem a vigilância da administração regional, a fim de realizarem seus objetivos. Com o fito de regularizar a saída e a locomoção do indígena, em dezembro de 1977, a DEP minutou uma Portaria para ser examinada pelo Sr. Presidente, mas até este momento continua no esquecimento.

Nos arquivos do Posto há informações que em junho de 1976, a CEMAR não tinha autorização da FUNAI, para que a linha de transmissão passasse pela reserva. Mas em outubro de 1977 o Chefe do Posto avisava o Delegado, que a linha cruzava a 560m da aldeia. Contam que pretendiam atravessar a aldeia, mas os Krĩkatí não permitiram isto. Nenhuma indenização pelos danos foi tratada por ambas as Instituições. Atualmente os índios exigem reparação pelas 40 madeiras de lei que foram derrubadas para a passagem da linha de transmissão; que seja colocada lâmpadas ao redor do pátio e na frente das casas residenciais; e a compra de um rádio-fonia para o Posto. Em São Luis conversamos com um advogado da CEMAR que inicialmente era céptico sobre o assunto, mas finalmente se prontificou advogar a causa, quando a FUNAI encaminhasse o pedido oficial de indenização requerida pelos Krĩkatí.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 40 =

A CHESF depois de implantar na região suas linhas de transmissão de alta tensão, pede permissão à FUNAI para passar na reserva. O Processo encontrava-se na Superintendência com parecer da DEP. A demora da FUNAI em se manifestar, faz com que a CHESF interrompa a construção da linha, na periferia da área, que achavam que era indígena. Invadiram uma pequena extensão, de acordo com a nova eleição da área. Esta linha de transmissão é originária da Hidrelétrica de São Francisco com destino a barragem de Tucuruí. A linha já foi construída até Sítio Nove e reiniciou em Montes Altos com prosseguimento para Imperatriz.

A linha de transmissão passará a 300m da aldeia. Os índios e nós, não concordamos com este abuso e exigimos o afastamento mínimo de 6km do seu traçado original, a fim de evitar que as crianças sejam eletrocutadas, ao brincarem na faixa de servidão de 80-100m de largura. Caso esta exigência não seja cumprida, os Krĩkatí não permitirão a continuação da abertura das linhas de transmissão.

A CHESF derrubará muita mata; os índios pretendem aproveitar a madeira para vendê-la. As madeiras existentes na mata são: arueira, pau d'arco, capitão de campo, jatobá, tarumã, cedro (pouco), coração de negro, pau brasil (pouco) e pau roxo. As madeiras da chapada: piqui, sucupira e craíbo.

Os índios pleiteam como indenização: trator grande com equipamentos completos, caminhão 3/4, cercar a área onde se acham as torres metálicas, 1 açude, 200 reses da raça zebu (10 touros, 12 bois e 178 matrizes), casa de farinha com motor elétrico, 5 cavalos, 10 motor-serras e cursos de treinamento (agro-pecuária, motorista, tratorista...). Esta indenização deve ser feita em forma de dinheiro parcelado, que a CHESF colocará em nome do Projeto de DC dos Krĩkatí. Deve ser estabelecido o período de duração do Projeto, durante o qual a CHESF pagará juros e correção monetária das parcelas.

Em Imperatriz nos dirigimos ao escritório da CHESF, acompanhados por um Krĩkatí, a fim de expormos os nossos temores e dos índios, e a indenização solicitada pelos mesmos. O engenheiro responsável pela fiscalização dos trabalhos das

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 41 =

firmas empreiteiras nada resolveu, comunicando a matriz de Recife sobre nossas reivindicações. Em São Luis também visitamos a CHESP, onde expusemos as mesmas solicitações. Informariam Recife da nossa presença. Achou possível atenderem os nossos pedidos. Aguardam o pronunciamento oficial da FUNAI para agirem.

Nenhum Krĩkatí comentou sobre a venda de maconha na área. Mas o missionário disse que um civilizado casado com índia, faz contatos com os compradores de maconha. O missionário vigia estes contatos. Os filhos do casal têm hábito de furtarem coisas nas casas, outras crianças estão imitando-os. Possivelmente esta família morou muitos anos com civilizados, adquirindo maus hábitos.

V - Organização Religiosa .

a) Aspectos Tradicionais

As festas são realizadas no pátio da aldeia. Durante o período em que estivemos em campo, não ocorreu nenhum ritual, apenas na noite de nossa chegada, as mulheres, no pátio, cantaram, sendo dirigidas pelo cantador. Alguns Krĩkatí, Apinayé (Aldeia Mariazinha) e Gaviões não estavam no Posto, porque tinham ido participar de festas e rituais funerários de parentes nestes lugares. Na Aldeia da Arcia houve um baile regional, no qual certos Krĩkatí da aldeia São José foram assistir. Civilizados também estavam presentes.

Uma tora grossa, chamada tora da batata doce, é utilizada no dia em que morreu a pessoa que a representa. Um Krĩkatí contou que as festas estão diminuindo de intensidade, expressando-se assim: "caboclo novo está virando gente, só usa roupa, não faz festa de morto, só visitas. Os jovens querem ser cristãos, estão abandonando os costumes". Há muito iniciou-se um processo de modernização na aldeia: há rádios, relógios, bicicletas, toca-discos e máquinas de costura. Algumas moças vestem-se com saias longas e outras com calças compridas.

Há anos que não realizam o rito de iniciação, no qual os jovens furavam os lóbulos das orelhas. Apenas uma

vez vi algumas crianças usando pinturas faciais em vermelho. Há feiticeiros Krahó, Apinayé e Krĩkatí atuando simultaneamente na área.

Recebi algumas informações a respeito da concepção religiosa dos espíritos. Os espíritos falam baixinho na garganta do feiticeiro (?), só ele houve. O feiticeiro (ou Xamã?) oferece ao espírito do morto o espírito do alimento, ingerindo apenas a matéria orgânica da oferenda. Certa vez os índios queriam trazer um curandeiro branco para dentro da reserva, argumentando que os deles não estavam curando bem. O Chefe do Posto não permitiu a entrada deste curandeiro. Uma Krĩkatí disse que não dorme só na casa, porque tem medo do espírito (mekarõ) apertar-lhe a garganta.

b) Atuação dos Missionários

Somente uma família se diz crente e o restante católica. Na realidade não pertencem a nenhum credo, pois professam sua religião tribal. O Padre de Montes Altos vem batizá-los e rezar Missa na aldeia, periodicamente. Examinando o arquivo do Posto, encontrei um Mem. Circular nº 09/6ª DR, de 1977 e outro mais antigo de 1975, nos quais avisam que o CIMI está proibido de entrar em áreas indígenas e se necessitar, peçam ajuda à Polícia Federal. Além dessa proibição aos missionários, há outra extensiva, aos índios, impedindo-os de participarem da Pastoral Indígena Panamazônica. Este ofício, nº 01/6ª DR/66 (8/6), foi expedido pelo DGO. Deve haver um certo critério por parte do Órgão ao emitir suas proibições, para que este não entre em choque com sua política indigenista. Há Encontros Indígenas promovidos por Instituições Religiosas que só vem corroborar nossos esforços e dar continuidade a nossos objetivos.

O Pastor da MNTB realiza cultos em sua casa, participando quem o desejar. O missionário protestante, Ottoniel Borges Machado e sua esposa Maria Eunice A. Machado, portadores da Autorização nº 129/77 (vencida), tendo ele a função de professor (e de atendente) e ela de enfermeira (não exerce esta tarefa). Antes de entrarem na área, ficaram seis meses em Montes

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI : 43 =

Altos aguardando a emissão da autorização. Sua residência fica junto a pista-de-pouso, tendo o mesmo estilo da casa dos índios. Fazem 2 1/2 anos que estão na aldeia. Um Pastor americano anteriormente ^{permaneceu} oito anos junto aos Krĩkatí.

O casal de missionários é bem quisto pela comunidade. São calmos e delicados ao tratarem com os índios. São interessados no bem-estar do grupo, apesar de não terem condição econômica para ajudá-los. Estão estudando a cultura e a língua dos Krĩkatí para melhor executarem seu trabalho. O Pastor Otoniel todos os dias visita algumas casas do círculo, para constatar o andamento da mesma. Não são fanáticos em suas atividades religiosas e achei que há um maior desprendimento em auxiliar aos índios em qualquer atividade, do que pregar o Evangélico. Não presenciemos nada que desabone a atuação do casal protestante no PI Krĩkatí.

VI - Situação de Saúde

A saúde dos Krĩkatí requer uma atenção especial do Órgão, pois não se encontram em um estado nutricional e psicológico adequado, para continuarem a receber a assistência que vem recebendo; necessitam uma rápida mudança de diretrizes neste sentido.

a) Assistência Médica:

O atendente de enfermagem, José Ribamar Fontenele dos Santos, formado em 1970, está na área há seis anos, intercalando com um pequeno período de permanência no PI Governador. Dizem que percorre diariamente a aldeia São José pela parte da manhã e da tarde, a procura de doentes. Não vi fazer esta tarefa durante o período em que aí estivemos. O Pastor Otoniel também às vezes realiza este mister. A vigilância é necessária porque os índios não levam os doentes imediatamente a enfermaria, só depois quando o caso está bem avançado. Também ^{não} lhes agrada que os doentes sejam levados para São Luis, porque lá falecem. Além disso, sentem vergonha de mostrar os doentes depauperados (magros).

Ao fazer o recenseamento do grupo, encontrei uma menina de dois anos que estava paralítica há seis meses.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 44 =

A criança nunca fora examinada clinicamente, nem pela EVS que es teve no PI, em maio, dizem que não se achava na área. O atendente acha que a família da criança, não permitirá o deslocamento dela para a cidade, se a EVS que estava fazendo inspeção nos Postos, in dicasse sua remoção. Desconfio que a criança esteja com tuberculose óssea (na espinha).

O Posto não recebe uma verba para levar os doentes para os Hospitais de Montes Altos e Imperatriz. Muitas is mas vezes, as despesas de aluguel de carro são pagas com o salário do atendente ou do Chefe do Posto. Portanto, é impossível atender razoavelmente a comunidade, se não possuem meios, além de existir a própria barreira cultural do grupo que não é habilmente con tado pelos técnicos de campo, por falta de orientação da Sede.

Apesar do Posto não possuir viatura e rá dio-fonia (não foi planejado no Projeto 1978), o doente não pode ser levado para São Luis, sem ordem do Delegado. Para isso, o Chefe se desloca para a cidade, faz ligação interurbana, correndo a despesa por conta dele, sendo raras vezes reembolsado. O Pastor só carrega doente em seu carro, se autorizado. Acho que o excesso de burocracia desnecessário, só dificulta mais o trabalho em ca po, que por sua própria natureza já é delicado e complicado. Deve ser adotado um meio mais racional e eficiente de se atuar, em que realmente o índio se beneficie com a assistência que a FUNAI quer lhes prestar.

Para ilustrar a necessidade de veículo na área, cito mais um exemplo do transtorno que isso causa no local. Uma gestante em trabalho de parto, foi transportada de ônibus pa ra o Hospital, mas a criança morre ainda no ventre materno e a mãe ^{quase} vem a falecer.

A FUNAI mantém convênio com o Hospital Ca sa Pontifícia Alívio do Sofrimento, de Montes Altos, mas este es tá mais equipado como pronto-socorro. Deverá ser celebrado um con vênio com o Hospital de Imperatriz que é melhor aparelhado. O ca bulatório-residência do Posto possui uma enfermaria com cinco lei tos, devidamente equipado com todo o material necessário. Foram gastos no Setor de Saúde, segundo o Projeto da ASPLAN (1978: 28), Cr\$ 394.440,00 para implantar esta infra-estrutura. Esta enferm

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 45 =

ria moderníssima nunca foi utilizada e nem será, pois o estoque de medicamento no Posto está sempre incompleto. Além disso, não há cozinheira e alimento para atender aos internados doentes.

Apesar da infra-estrutura do Posto estar montada com todos os confortos existentes na cidade, a sua manutenção exige cuidados diários, no mesmo nível. As instalações da escola e do ambulatório são sujas, sub-utilizadas, carecendo que seja contratado um índio-braçal para manterem limpos e higienizados estas dependências. A escola é limpa superficialmente pelo Pastor e alunos. A enfermaria às vezes é limpa pelo Pastor e atendente. Encontrei agulhas de injeção espalhadas por todos os lados e material curativo (gases, algodão, seringa, etc) exposto em cima da mesa e da prateleira empoeiradas. Há necessidade de se chamar mais a atenção dos atendentes, nos Cursos, sobre os inconvenientes produzidos pela falta de higiene e cuidados com os materiais esterilizados e remédios destampados (alcóol, mercúrio, etc). A EVS poderá desempenhar um papel mais decisivo neste aspecto, uma vez que vai no Posto e o atendente se desloca à Delegacia muitíssimas vezes durante o ano. Uma melhor utilização dos técnicos da EVS na cidade, evitaria que se dedicassem a outras atividades extra-FUNAI.

c) Tratamento das Doenças

O Posto Indígena Krĩkatí está com deficiência de remédios (aliás é comum em quase todos os PIs) e mesmo no mini-ambulatório do Pastor. Esta compra alguns medicamentos fora da linha da CDNA, normalmente aqueles usados para medicar seus filhos, que foram recomendados pelo pediatra. O Pastor trabalha em consonância com o atendente, mas não desenvolve nenhuma atividade específica, senão aquela de substituto do atendente quando este se afasta da área. Já o Chefe do Posto no Proc. FUNAI/DSB/583/79, chamava a atenção ao trabalho do Pastor e a sua falta de conhecimento sobre saúde.

O atendente retornou a São Luis depois de dois dias de estarmos na área, sem trazer medicamentos, dizendo que a EVS faria isto. O ex-Chefe do Posto, Belfort, em relatório

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 46 =

solicita reforço na Farmácia-Padrão da CEME, com fornecimento de toda a linha (Proc. FUNAI/BSB/583/79: 14). Parece que as recomendações da base não são atendidas. Há grande incidência de verminose e no Posto não havia remédio para tratá-la. Há muita monilíha que provoca diarreia. Alegam que toda a diarreia é provoca da pelos vermes (áscaris, giárdia, oxiurus...). Nas nascentes do rio há muita ameba e outras espécies. Com a abertura do poço artesiano, diminuiu a incidência de verminose. Os índios rejeitam o tratamento.

As cabaças d'água são colocadas sobre um tripé de pau. O fim do ano é época de epidemia de sarampo. Nenhum preparativo vi ser realizado para evitar a sua manifestação. Doenças venéreas estão se espalhando rapidamente no grupo. Dois homens que trabalhavam para a CHESP, retornaram à aldeia, contaminados. Uma mulher infectada mudou-se para o PI Governador, levando para aí esta doença. Desconheço as providências tomadas para debelar o mal. Na cultura Krĩkatí existe as prostitutas rituais, que são as mulheres mais velhas, que têm a função de iniciar o menino no intercuro sexual. Posteriormente, o menino e a menina brincam de marido e mulher. Este costume propicia a propagação ideal para a proliferação da doença venérea.

Queixam-se de dor no estômago e no figado. Há muitas pessoas com gripe. Preferem tomar injeção, pois acham que é o único remédio que os cura. A doença é considerada, por eles, como proveniente de feitiçaria. Diante disso, a barreira cultural tem que ser habilmente contornada, a fim de não se criar atritos entre a comunidade e o atendente.

Tanto o atendente como o missionário não forçam os índios a tomarem a medicação ou a se internarem, pois se o doente piorar ou morrer, acusam o responsável por ter provocado a recaída do mesmo. Esta atitude passível e não contornável, não está ajudando os índios a resolverem seu problema de adaptação. Deve haver um trabalho conjugado do atendente, médico da EVS e da Sede, assistente social, antropólogo e professora, a fim de planejarem um trabalho de base junto aos Krĩkatí. Posteriormente, deverá se expandir esta experiência para outros Grupos Indígenas, que têm esta mesma resistência cultural.

Há muitas pessoas, principalmente as crianças, que estão com deficiência de vitaminas. Não adianta medicá-las se estão infectadas de verminose. Algumas mulheres estão fracas e amarelas, possivelmente devido ao excessivo número de abortos que praticam. Provocam o aborto tomando uma dose fraca de tingui, ou senão, utilizando o processo mecânico de pancadas na barriga. Nos registros do Posto, há inúmeras menções de abortos durante o decorrer de 1971-1979.

Os Krĩkatí não são bem nutrido, havendo carência protéicas e calóricas, comuns a outros grupos indígenas também. Em dezembro de 1978 e em março de 1979, o INAN enviou uma remessa de alimento para gestantes e nutrizas, mas o chefe distribuiu para toda a aldeia, a fim de evitar confusões e não ser acusado de discriminar as pessoas.

Foi recebido em:

<u>1978</u>	<u>1979</u>
leite - 20k	10k
açúcar - 100k	100k
fubá - 80k	50k
feijão - 100k	-
farinha - 20k	-
arroz: -	250k

A quantidade e a qualidade dos alimentos recebidos, variam em cada remessa.

Em 1971 e 72 havia Ficha Clínica Individual dos doentes e Ficha de Imunização, em 1971. Nos dados do Posto registram que em março de 1978, o Chefe solicita ao Delegado a confecção de caderneta de Vacinação Individual. Atualmente não existe nenhuma Ficha Clínica para controlar o andamento das doenças.

Examinando os documentos existentes no Posto, tivemos a noção das doenças mais comuns e o tratamento realizado. Verificar a tabela de população, apresentada no item II-b, comparando com o número de casos de doentes e as doses de vacinas aplicadas na comunidade.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 48 =

Fevereiro 1973: 20 pessoas vacinadas de DPT;
 Agosto 1975: 1 caso de TB, 5 doses vacina BCG, 2 doses DPT (1ª dose) e 6 doses DPT (2ª dose);
 Setembro 1975: 10 casos de sarampo;
 Outubro 1975: 52 doses de vacina antivariólica, 96 doses para meningite, morrendo 3 índios;
 Junho 1976: 15 casos de sarampo, 5 casos de pneumonia, morrendo 3 pessoas;
 Setembro 1976: 16 casos de varicela, 53 doses de BCG, sendo feita 5 lâminas de BAAR;
 Outubro 1976: 8 casos de varicela;
 Novembro 1976: 18 casos de coqueluche;
 Dezembro 1976: 10 casos de coqueluche;
 Abril 1977: 245 casos de gripe;
 Maio 1977: 80 casos de gripe;
 Junho 1977: 20 casos de gripe, sendo feitas 15 lâminas pela SUCAM;
 Julho 1977: 9 casos de gripe e 15 de desidratação;
 Setembro 1977: 15 casos de sarampo, morrendo 3 pessoas;
 Outubro 1977: feita 1 lâmina pela SUCAM; EVS visita o Posto na 2ª quinzena do mês;
 Novembro 1977: 2 casos de TB;
 Novembro e Dezembro 1977: feita 3 lâminas pela SUCAM;
 1975 a 1977: 68 vacinas de BCG, DPT, Sabin e Sarampo (2º relatório do médico-chefe da EVS, de março de 1978);
 Março 1978: 4 casos de TB;
 Julho 1978: a EVS ficou 2 dias no local;
 Julho 1979: 4 casos de TB de 1ª linha, 1 caso de TB 2ª linha.

O atendente de enfermagem fez o Curso de Tuberculose e em 1977, fez reciclagem. No meu entender, quase a totalidade da população indígena do Posto é tuberculosa. Nunca fizeram lâminas da população, apesar do Sr. Belfort, já em 1978, suspeitar de inúmeros casos de portadores de TB (Proc. nº FUNAI/BSB/583/79: 13). Há cinco casos de TB. O tratamento é difícil. Os índios confiam mais nos remédios dos curandeiros locais e dos pajés, do que nos medicamentos químicos. Querem que estes tenham um efeito imediato. Jogam fora quando o remédio é amargo. Uma índia interrompeu o tratamento (é muito comum) de TB,

fugindo para um Posto Indígena de Goiás, sem avisar o atendente. Muitas pessoas já morreram porque os parentes não deixam interná-las no Hospital. Têm pudor em mostrarem as crianças muito doentes.

As estatísticas tentam demonstrar que a Tuberculose está sendo controlada em áreas indígenas, mas a prática revela que ela continua a atacar os índios subnutridos (veja Proc. FUNAI/BSB/583/79: 11) ou vacinados, provocando a morte de muitos ou tornando-se casos crônicos. As EVS deveriam fazer pesquisas médicas neste setor, uma vez que a maior parte do tempo permanecem nas Delegacias, do que em áreas indígenas. Ninguém melhor que estes médicos têm condições de desenvolverem este trabalho com muito sucesso, beneficiando aos índios diretamente e tornando sua tarefa mais produtiva e real.

Ao lado do tratamento das doenças com a medicina ocidental, a medicina indígena também é utilizada em seus vários níveis. Diz o atendente que trabalha em conjunto com o pajé na cura dos doentes. Também os indígenas empregam a medicina ^{mágica} para conseguirem a cura. As crianças usam colar de semente, como amuleto, para evitar o contágio de doenças como: catarro, febre etc.

Para tirar o amarelo do corpo banham as crianças com determinadas espécies de folhas. Atualmente não usam remédio de mato para sarar picada de cascavel (estas se encontram nas Serras). Para "curar" uma menina de 2-3 anos, amarela da, magra, que comia terra, presenciei uma cena patética. A sua mãe pegou esterco fresco de galinha e fez a menina engulir a força. Esta se debatia energicamente, chorava e tinha ânsia de vômito. Os parentes assistiam o acontecimento impassível. Depois o avô da criança lavou sua boca.

Para tratar desintéria utilizam o óleo de mamona como purgante. A semente de mamona torrada, é pilada e depois é cozida n'água, para que o óleo flutue.

Os lixos retirados das casas são colocados

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 50 =

dos em esteiras e jogado no cerrado, perto da casa.

A título de adorno, ainda se encontra algumas jovens com os dentes da arcada superior, afilados (as pontas são desgastadas com lima).

VII - Situação Educacional

a) Atividade Escolar

A Escola apesar de moderníssima, está pouco aparelhada e em precário estado de funcionamento. Há necessidade de 20 carteiras escolares e que seja fornecida a merenda escolar, que serve como alimento suplementar a dieta familiar e atrativo para frequentarem a Escola.

As crianças são bilíngües, mas o ensino é ministrado em português, o que dificulta o seu aprendizado. A Escola é frequentada por alunos adultos também. As aulas são das 7 às 8:30 horas. Não há condição de prolongar o período escolar porque não aguentam, começam a cansar e a se preocuparem ^{com a} ~~com~~ para a roça. Talvez com o intervalo para tomarem merenda escolar, dê para estender mais algumas horas de aula.

O Pastor tentou dividir os alunos, ensinando a noite para os adultos. A experiência foi infrutífera, pois alguns dormiam, já que acordam às 4 horas da manhã e caminham quilômetros para chegarem a suas roças. As caçadas e as pescarias absorvem dias, afastando-os das aulas. Muitos lêem e escrevem, mas não entendem o seu significado. Vi uma mulher casada, em sua casa, copiar palavras de um livro, sem saber o seu sentido. O Pastor ensina em sua casa aos índios que o procuram, quando estão atrasados na Escola.

Várias vezes presenciei o Pastor lecionar. Numa sala grande havia 33 pessoas, crianças e adultos, estudando em diferentes níveis de aprendizagem. Na outra sala tinha 3 homens que frequentavam o 2º ano, estando um bem adiantado em matemática. O Pastor se revejava entre uma sala e outra. Atendia aos alunos, que pertenciam a professora que fora transferida com o marido. Quando o Pastor se afasta do Posto, as aulas fi

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 51 =

com paralizadas por tempo indeterminado.

Atualmente há 36 alunos, mas principalmente tinha mais. Nos registros do Posto havia:

ANO	SÉRIES	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
1978	1ª	23	18	41
1979	1ª-A, B, C	26	20	46

O Pastor está suficientemente preparado para implantar o sistema bilíngüe na aldeia. Tentou fazê-lo, mas o antigo Chefe dissera-lhe que a FUNAI não se interessava por este tipo de ensino e que lecionasse em português. É de admirar que um Chefe de Posto casado com uma monitora bilíngüe Kaingãng pense desta forma. Aliás, sua esposa com todo o treinamento especial que recebeu, também não utilizou nenhum princípio bilíngüe para ensinar seus alunos.

Há 2 1/2 anos que a Orientadora Educacional da Delegacia não visita a área. Informei-a sobre a situação encontrada no Posto. Prontificou-se a colaborar com a iniciativa do Pastor. Este como já mencionei anteriormente, e sua esposa, não executam nenhum trabalho sistemático e suplementar ao daquele já existente no Posto. No Processo FUNAI/BSB/3437/77:3 há um "plano de trabalho" que os missionários executariam na área, acho que estas atividades não foram desenvolvidas.

O único fato que poderá justificar a presença de missionários no PI Krĩkatĩ, é que estes (inclusive a esposa) desenvolvam um trabalho paralelo e em conjunto com as atividades da FUNAI. Esta opinião também está registrada no Relatório de Belfort (Proc. FUNAI/BSB/583/79: 12), no qual classifica de excelente o trabalho do missionário e de grande valia a sua colaboração neste Setor. Se a atuação dos missionários não for mais efetiva e produtiva, sugiro o afastamento do casal do PI, com o fechamento deste local para a entrada de qualquer Missão Religiosa. Outrossim, não há convênio com a Missão Novas Tribos do Brasil, tornando-se difícil controlar o trabalho dela nas

áreas indígenas.

b) Atividade Extra-Curricular

Os Krĩkatí jogam muito futebol, no pátio da aldeia, local de realização de ritos e da reunião do Conselho Tribal. Todas as tardes jogam futebol, às vezes tendo a participação dos "cristãos" que transitam por aí. O Delegado prometera uma bola profissional e não os dera. Para prosseguir nosso trabalho no Posto, sem ressentimentos, doamos a bola, pois precisavam treinar para jogarem em 20/9, com os Gaviões do PI Governador. Muitas vezes promessas não cumpridas, posteriormente, atrapalham as atividades de outros técnicos, que se deslocam para estas áreas.

No Posto Indígena há uma máquina de costura que não atende a demanda feminina. Querem que seja enviada mais 3 máquinas que ficariam localizadas na Escola. Estas poderiam ser doadas através do Projeto de DC.

Segundo documentos do Posto, há um Mem. Circular, da 6ª DR, de 1977 e 78, que recomendam realizar a solenidade do Dia Sete de Setembro, às 17 horas. Não percebo qual o alcance concreto desta recomendação patriótica, que atinja aos interesses dos Krĩkatí. É sabido que o grupo está há anos, avidamente lutando para a recuperação de seu território tribal e o nível econômico quase abaixo da subsistência.

VIII - Eleição da Área Krĩkatí

a) Localização das Antigas Aldeias

A fim de localizar as antigas aldeias indígenas, utilizei a técnica de História de Vida de algumas pessoas idosas. Constatei haver uma grande mobilidade social, oriunda dos mais variados motivos. Algumas aldeias existiam simultaneamente, ocorrendo às vezes fusões entre elas. As migrações também foram registradas pela pesquisadora Lave, explicando algumas razões deste procedimento: mudam-se por temer os espíritos do morto; num intervalo de 6 a 10 anos transferem sua aldeia a vá

rias milhas do antigo sítio; após estes movimentos regulares das comunidades ocorre uma recomposição nas aldeias (1967: 34).

Tentei organizar a sequência cronológica destes movimentos, mas não obtive dados seguros. Consegui apenas a localização histórica das aldeias. Possivelmente muitos lugares mencionados como sendo aldeias, fossem simplesmente meros acampamentos, utilizados por ocasião de pescarias, caçadas ou coletas.

- 1) Aldeia de Imperatriz: que foi depois a Colônia Santa Teresa. Os índios adoeceram, alguns morreram e saíram do lugar. Neste local formou-se uma vila de "cristãos". Não se interessem mais por este lugar como incluso na área eleita.
- 2) Canto da Aldeia: saíram de Imperatriz, beirando o rio Tocantins, em direção do Olho d'Água, no rio Arraias. Abandonaram a aldeia depois de muitos anos, por causa de sarampo. Desta aldeia atravessaram para os lados da aldeia Taboquinha, devido a pressão dos civilizados. Neste local há vestígios de duas taboquinhas.
- 3) Aldeia Caldeirão: o fazendeiro Salomão Cerqueira reuniu outros "cristãos" para atacar a aldeia. Os índios fogem para o Canto da Aldeia a fim de não serem dizimados. Ficaram pouco tempo neste lugar. O solo era pedregoso e havia muitos morros. Não tinha local bom para a roça. A aldeia estava localizada perto do ribeirão Canto Grande, a beira do rio Tapuia. Este grupo reuniu-se à aldeia Batôia.
- 4) Aldeia na Serra da Desordem: moravam em cima da Serra, tinham frutas silvestres e olho d'água para abastecer a aldeia.
- 5) Aldeia Faveira: saíram deste lugar porque ocorreu uma epidemia de febre.
- 6) Aldeia Ouati: localizada perto da Serra da Desordem. Moraram nesta aldeia durante 7 anos, saíram por causa de roubo de gado. O fazendeiro Milhomem aterroriza os índios e quer levá-los para Barra do Corda. Recusam e se mudam para Canto-da-Aldeia.
- 7) Aldeia Mato Verde: largaram este local devido as febres.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 54 =

- 8) Aldeia Taboquinha: havia duas aldeias. Morreram muitas pessoas de doenças e febre neste local. A Dra. Lave confirma este dado dizendo que há 20 anos atrás sofreram violenta epidemia. Acusaram um Krahó de feiticeiro e tentam matá-lo. Posteriormente espalham-se em vários pequenos acampamentos para escapar da doença (1967: 34). A água nesta aldeia era pouca e ficava distante. Estava estabelecida no riacho Sucupira.
- 9) Aldeia Nasolda: depois de pacificados pelo Sr. Amaro, foram morar perto do vão da Serra da Desordem, na cabeceira do rio Buenos Aires.
- 10) Aldeia Sucupira: permaneceram um ano no local, devido as formigas.
- 11) Aldeias Água Boa, Três Barras, Canto do Morro e Olho D'Água: estas aldeias estão plotadas no mapa apresentado pelo Grupo de Trabalho de 1976. No relatório de Mariz (Proc. nº 13.653 - -MI/DCA/BSB/77) estas aldeias são mencionadas como locais de roças.
- 12) Aldeia Traíra: moraram nesta aldeia, no ribeirão Traíra, durante 15 anos. O terreno era de chapada e de brejo, não havia mata para confecção de roça. Espalharam-se, alguns morrendo de febre. Havia 3 aldeias neste local, que ficavam nas proximidades da aldeia Batêia.
- 13) Aldeia Cocal: estava localizada no rio Arraias, ficando poucos anos aí. Nesta aldeia, há muitíssimas palmeiras de coco (cocal), bastante utilizadas pelos Krikatí.
- 14) Aldeia Três Seca: era uma aldeia muito antiga. Alguns índios sugeriram que fosse vendido este pedaço de terra aos sertanejos que aí residiam.
- 15) Aldeia na Serra Pedra Branca: residiram durante anos nesta aldeia, mudando-se quando as roças ficaram distantes da mesma. Havia 3 acampamentos.
- 16) Aldeia Carnaldêia: ficava na cabeceira do Pindaré. Abandonaram a aldeia porque as doenças dizimaram a maioria da população, escapando poucos.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 55 =

- 17) Aldeia Caboclo Velho: no rio Pindaré. É conhecida também como Posto do Caboclo Velho. Fica mais ou menos a 3 léguas da aldeia São José.
- 18) Aldeia do Engenho Velho: havia duas aldeias neste local.
- 19) Aldeia na cabeceira das Cabras:
- 20) Aldeia Bacuri: no rio Arraias. Alguns índios não se interessam por esta área na ocasião da eleição da mesma, outros queriam sua inclusão.
- 21) Aldeia São Gregório: desativada, ficava mais ou menos a 1 légua da aldeia São José.
- 22) Aldeia Pirãpõ (ou Pipúhno): estava localizada entre o rio Arraias e o rio Lajeado. Na eleição da área a excluíram.
- 23) Aldeias Komohíkuh e Rõnkú: localizadas entre os rios Arraias e Lajeado. Estas aldeias foram mencionadas pela Dra. Belores Newton em uma carta de 26/7/75, página 4. Possivelmente estas aldeias foram registradas com nomes em português.
- 24) Aldeia da Areia: atual, na Serra do Cipó.
- 25) Aldeia do Dalgado: atual, no igarapé São Gregório.
- 26) Aldeia Batêia: o Chefe do Posto e o capitão da aldeia São José convidaram os índios desta aldeia para morarem em São José, a 3 léguas de distância. Mas alguns permaneceram, a fim de continuarem a fazer criações de galinha. Habitaram na aldeia Batêia durante 4 anos. Está localizada no riacho Bea Vivenda. Esta transferência foi feita em outubro de 1978, conforme registro nos arquivos do Posto.
- 27) Aldeia São José Velho: ficaram nesta aldeia por um ano, por causa das formigas. Deslocam-se daí para São José da Barriguda.
- 28) Aldeia São José: tinha 4 aldeias, atualmente só uma e três núcleos menores. É conhecida também como São José da Barriguda, porque há mais de 6 anos plantaram umas árvores barrigudas na periferia do pátio. No lugar há muita água. Localiza-se no riacho Cabeceira. Ficaram fixos na área, devido a instalação do Posto Indígena nesta aldeia. A Escola atraiu o resto da população espalhada pelas aldeias.

b) Locais explorados pelos Krĩkatĩ:

Os índios utilizam uma grande extensão de área, a fim de extraírem meios para sua subsistência, executarem seus rituais e coletarem material para confeccionarem artesanato.

- Área de caça: no Posto do Caboclo Velho; no rio Arraias caçam por período de 20 a 30 dias.

Lugares que caçam e retornam no mesmo dia — na rodovia e Campo Alegre (onde mais vão caçar); Serra das Taboquinhas; Boca da Mata (tem morador branco); Serra Canto do Morro; Baixa Grande (parte no rio Tapuia); Serrinha (serra); Mato do Sidney e Cate né (perto do riacho Cana Brava).

Lugares mais afastados que ficam a uma semana do Posto — Tucum (perto do rio Campo Alegre); rio Arraias; Retiro (perto do rio Tira); mato do Urucu (perto da Serra Cipó); mato do Santo Este vão (perto da mata do Caboclo Velho); Baixão (perto do Sítio Novo); Cajazeira (perto da aldeia Baixa Funda, há 2 léguas de distância); mata Bela Hora (perto da aldeia Baixa Funda); mata de Cesar (perto da aldeia Baixa Funda); Quiosque; rio Ribeirão (fica a 1 1/2 léguas da aldeia Batêia).

- Área de pesca: no Posto do Caboclo Velho. Fazem tinguijada no verão a 6Km da BR do Amarante, no rio Pindaré. No rio Arraias fazem tinguijada no verão, ficando a 10 léguas do Posto. Há todas as espécies de peixes: arraia (daí o nome do rio), matrixã, branquinho, cará, lampei, jacaré, praqué e pacu. Pescam também no rio Buenos Aires, Tapuia, riacho Pedra Branca, rio Traíra, rio Campo Alegre, Lagoa Piranha, riacho Canto da Aldeia e riacho Batalha. Segundo a antropóloga Newton (1975: 3) o Riacho Batalha era local de "arrancharia" (acampamento) de pesca e de "campo" do grupo Krĩkatĩ. O nome deriva das antigas batalhas travadas entre os antepassados dos caboclos e os civilizados que penetravam neste lugar.

- Área de coleta da matéria-prima:

imbé - no rio Arraias, os mineiros estão depredando os vegetais utilizados para confecção de peças artesanais. Levam 2 dias para ir ao rio Tapuia. Há imbé no igarapé Munduzaro. Segundo Na

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 57 =

riz (Proc. nº 13.653-MI/DCA/DSB/77: 57) também coletam imbé em Três Barras.

arco e flecha - no rio Arraias, em São José.

taguara - há muita na mata da aldeia São José.

genipapo - cultivado na aldeia.

urucu - plantado na aldeia.

enfeites - no rio Pindaré.

pena - de arara é trazida do PI Governador. Utilizam penas de pássaro da mata como: jacu, jaó, juxiti e nambu. São pegas em arapucas, nas roças.

palhas - de piaçaba no Olho da Grota e na chapada. Enfim, em todos os lugares da reserva.

taboca - na cabeceira da Serra Branca, na estrada de rodagem, no Olho D'Água e na Pedra Preta.

cera preta - de abelha misturada com almácea é coletada nos Guajajára (PI Governador). Trocam a cera por imbé. Quando os Guajajára precisam de imbé, vêm buscá-lo na aldeia Krikatí. Há cera também no Caboclo Velho.

- Área de cemitério: Sempre perto de uma aldeia há cemitério. No lugar chamado São João, perto do rio Arraias há cemitério. No Canto da Aldeia, quase numa das ramificações do rio Pindaré, onde se encontra atualmente o fazendeiro Dimir, filho de Marciano, há muitos mortos. O atual cemitério fica perto da estrada de rodagem e do riacho Canto Grande. Ainda há cemitérios no Engenho Velho, nas aldeias Taboquinha (4 mulheres e 3 homens), Batêia (5 pessoas), Pedra Branca e em São José (há muitos mortos).

- Área para fins religiosos: conforme relatório de Mariz (Proc. nº 13.653-MI/DCA/BSB/77: 57), para realizarem corridas de tora, utilizam desde Olaria e Regalo, no rio Pindaré, até os córregos Taupio e Campo Alegre.

- Área de coleta de frutas silvestres:

bacaba - rio Campo Alegre e atrás da Serra. Esta fruta há em todo local de mata (mata da Forquilha, mata do Urucu, da Serra Grande, Taboquinha, do Chico Tomci, mata da cabeceira do Campo Alegre etc).

babacu - no rio Arraias, no Cocal, na chapada, no rio Pindaré, mata do Urucu, nas Serras Grande e Branca e no brejo do Regalo.

Conforme informações da Dra. Newton (1975: 4), entre os rios Arraias/Salto há uma área de cocal com aproximadamente 1 légua de extensão ao longo do rio. É utilizado em agosto e setembro pelos índios.

buriti - no Minador e em todos os brejos da área.

piqui - há em todos os lugares (Olho D'Água, cabeceira do rio Arraias, mata do Valentim, mata de Pedro Cortês etc).

c) Processo de Eleição da Área

Após várias solicitações verbais e por escrito (através de intermediários) pelos índios, requerendo a de marcação de sua área, duas Equipes da FUNAI estiveram na aldeia, para elegerem a área pleiteada, sem obterem resultados práticos. Os índios contaram que a 1ª equipe FUNAI/RADAM, não permaneceu no Posto e sobrevoaram a área. O trabalho foi feito em um dia, em 1976. A 2ª equipe da FUNAI visitou a área em 1978 (Portaria nº 298/P, de 13/6). Percorreram o local durante uma semana muito chuvosa, excluindo a parte que fica para Montes Altos. Foram acompanhados de um fazendeiro de quem alugaram os cavalos. Sobrevoaram novamente a região. Não apresentaram relatório e o mapa desta viagem não foi localizado na FUNAI. Os índios disseram que pediram a estas Equipes, a mesma área que solicitaram a nossa (a 3ª). Não pediram o formato da área apresentada pela 1ª equipe. Acha que as alterações das áreas são realizadas em Brasília. Os croquis das áreas eleitas pelas duas equipes anteriores, não foram mostradas aos índios.

No dia 6/9, na parte da manhã, convocamos o pessoal para uma reunião, inclusive o Pastor, a fim de definir a área que realmente precisavam e que abrangia seu habitat tradicional. Expusemos rapidamente o que fora fazermos na área e deixamos o debate aberto entre eles. Nos dias seguintes, quatro ou seis índios eram escalonados pelo capitão para acompanharem o engenheiro agrimensor (Aureo Araújo Faleiros, do DGPI) e o Chefe do PI Governador (Pedro dos Santos). O atendente de enfermagem de pois que retornou à área, algumas vezes acompanhou a Equipe em certos lugares. Como o trabalho estava se desenvolvendo normalmente, apenas os acompanhei em uma vistoria da área, no sítio de

Mangabeira, onde foi colocado um marco. Fomos de carro até o pé da Serra. Os índios caçaram uma preguiça nesta viagem. Toda a reserva é retalhada de vias secundárias, onde transitam os veículos dos sertanejos.

Durante a reunião em que discutiram mais ou menos durante 4 horas, em sua língua e às vezes, comentando em português conosco, surgiu uma divisão no grupo, uma liderada pelo capitão e as pessoas mais idosas, e outra dirigida pelos dois líderes mais jovens e seus companheiros da mesma classe de idade. Num dado momento, surgiram três propostas de área, pois determinando dos lugares onde tinham aldeias antigas, os parentes das pessoas que aí moravam, não queriam abrir mão delas. Sozinhos, chegaram a um consenso comum quanto aos limites da área, prevalecendo a proposta e autoridade do capitão Francisco, apesar de haver uma certa resistência e mágoa por parte dos líderes jovens. O capitão ponderava que eles não iam sempre até os locais exigidos; necessitavam dos dois povoados, Montes Altos e Sítio Novo, para se abastecerem de bens industriais e que não poderiam contar sempre com a assistência precária da FUNAI, quanto maior a área, mais difícil se tornava para retirar os fazendeiros dela; etc.

No debate surgiu uma proposta de emendar a área Krĩkatí com a dos Gaviões (PI Governador), desviando o povoado de Amarante. O interesse deriva dos laços sociais e econômicos que unem os dois grupos indígenas. Contam que os Gaviões querem alterar o limite da área que cruza próximo da aldeia. A idéia posteriormente foi abandonada pelos Krĩkatí, devido a posição contrária do capitão, por não utilizarem toda esta área e haver muitos fazendeiros entremeados nesta faixa de terra. Possivelmente mais tarde os índios pleitearão novamente a união das duas reservas, pois em 1975, numa Carta redigida pela antropóloga Dolores Newton, na qual expõe algumas ações práticas para os Krĩkatí, dentre os quais, a formação de um bloco contínuo entre os Krĩkatí e os Pubóbye. Justifica que "isto evitaria os problemas da passagem de pessoas de uma área local para a outra e facilitaria a redistribuição de materiais necessários para o bem-estar de grupos tão pequenos" (Veja anexo nº 3, em que está plotado as duas reservas).

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 60 =

Após a colocação de marcos em diferentes pontos estratégicos escolhidos pelos índios, era explicado e discutido com o capitão e outros índios presentes naquela hora, o andamento do trabalho e para verificarem se transcorria conforme o combinado. Posteriormente, um rastreador de satélite fornecerá as coordenadas exatas, para se efetuar a demarcação da área em definitivo.

Comparando o mapa da área proposto em 1975, pela Dra. Newton, competente pesquisadora dos Krikatí (veja anexo nº 2), e seu Memorial Descritivo, com o mapa e o Memorial fornecidos pela 3ª equipe, há diferenças mínimas entre as duas proposições, devido a evolução de interesses e de acontecimentos surgidos no lapso de tempo (4 anos) decorrido entre a execução das mesmas. A época ideal para efetuar a demarcação é em maio de 1980, período de seca.

Não mantivemos nenhum contato com os fazendeiros residentes na área indígena. Apenas um deles, a noite, veio ao Posto para conversar conosco, mas o capitão não permitiu nenhum diálogo. Aliás, durante todo o período de implantação dos marcos, os índios entravam nos sítios dos posseiros e fazendeiros, agindo como seus legítimos donos, sem informar-lhes nada do que estava ocorrendo. Esta atitude ativa fez surgir uma onda de suspeita e de boatos desfavoráveis aos índios. Nada os abalou em suas decisões e determinações para alcançarem seus objetivos. Os comentários eram nos seguintes níveis: sairão da área após demarcação, exigindo indenização e levando o arame das cercas; a terra não é dos índios porque não pagam imposto ao Governo; se sair a demarcação, vai haver briga etc. Os índios estão temerosos de um ataque porque eles são poucos. Ao mesmo tempo, alegam que isso não vai acontecer, porque os "cristãos" são seus amigos e não matam ninguém.

Cumprindo determinações do Sr. Diretor do DGPI, a Equipe não fez o levantamento dos posseiros existentes na área. Cabe ao INCRA executar esta tarefa e reassentar as famílias dos invasores em outra localidade do Maranhão. Os Krikatí calculam que há 400 famílias de sitiantes e 200 Fazendas. Estas são de po

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 61 =

queno porte, comportando de 200 a 700 cabeças de gado. Existem poucas benfeitorias nelas. Há resistência na saída dos pecuaristas, porque o terreno é adequado a esta atividade pastoril. Ao redor da aldeia só existem cercados de fazendeiros, inclusive fazem roça fora deles. Para evitar que o gado zebu dos posseiros estrague as roças, os índios as cercam. Quando as reses depreciam as cercas, não são indenizados pelas perdas. Na área de Cocai há fazendeiros bem abastados. A Vila de Quiosque ficou dentro da área eleita, é pequena, sendo constituída de sertanejos. Estes entraram sem consultar os índios. O mato desse local era bom. Agora estão zangados com o andamento dos fatos, sentindo-se lesados pelos índios.

A fricção interétnica chegou ao auge, chegando ao ponto do fazendeiro Antonio Santos, em 1970, querer de marcar a terra dos Krĩkatĩ. Fizeram uma reunião numa Fazenda, estando o agrimensor estadual Quinquina, presente. Ofereceram dinheiro aos índios. O capitão informa Brasília sobre o ocorrido. A FUNAI susta o movimento, mas o agrimensor inicia a demarcação dos limites. Os índios sabedores disso, se dirigem ao lugar e o pessoal assustado foge. Aguardam a demarcação há 9 anos. Atualmente os fazendeiros tornaram a se agilizar para se apossarem definitivamente da área indígena. Em setembro, os fazendeiros se reúnem na Prefeitura de Montes Altos, para arrecadarem dinheiro e pagarem um advogado, que cuidará dos seus interesses fundiários e os representará em Brasília sobre o assunto. O Proc. nº 13.653-MI/DCA/BSB/77 mostra que os fazendeiros se organizaram e estão trabalhando habilmente a fim de regularizar os registros de suas glebas.

VI - Sugestões de Ação Prática

A atuação do Órgão nos Krĩkatĩ não é das mais difíceis, mas requer que esta se posicione com mais técnica e método que os temas exigem. Já existe um embrião de trabalho implantado através do Projeto de DC; há necessidade que este se ja mais burilado e aperfeiçoado de acordo com a cultura do grupo. Os técnicos responsáveis pela elaboração do Projeto, deverão consultar o excelente trabalho de Jean Lave, "Social Taxono

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI


= 62 =

my among the Krĩkatĩ (Gô) of Central Brazil", o qual fornecerá as guias diretrizes de ação, principalmente no aspecto econômico. Faz uma análise sobre a composição do grupo doméstico (pág. 76 a 89), útil para a reforma do setor agrícola.

Os Projetos de DC que estão sendo implantados nos grupos lingüísticos Jê, deveriam ser orientados por um antropólogo especialista na cultura desses grupos indígenas. A sistemática adotada num Projeto, seria pouco alterada nos demais, além do antropólogo já estar familiarizado nos diferentes detalhes culturais. O apoio cultural aos Projetos ajuda a encontrar a fórmula ideal ou pelo menos aproximada, para incentivar o grupo e se motivar pelas diversas fases do Projeto. Há necessidade de se incrementar a realização de certos ritos do ciclo econômico, em decadência, para os interessar a aumentarem suas roças. O Pastor Otoniel é sensível a esta problemática, mas ainda não domina a cultura dos Krĩkatĩ, nem tem embasamento antropológico suficiente para entender todas as suas nuances e assumir esta responsabilidade do Projeto.

Ao se fazer um Projeto Integrado para os Krĩkatĩ, todos os aspectos abordados neste relatório serão incluídos: social, saúde, educacional e econômicos. A demarcação da área deverá ser feita em caráter de emergência e os invasores removidos pelo INCRA.

Brasília, 9 de janeiro de 1980


DELVAÍR MONTAGNER MELATTI
Antropóloga

DGPC/DNEI/rmed.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

B I B L I O G R A F I A

- 1) BELFORT, José Maria Daima: Relatório de Atividades do Posto Indígena Krikatí durante o mês de novembro de 1978. Proc. FUNAI/BSB/583/79.
- 2) Encaminha cópias de Projetos de Subsistência dos P.P.I.Is. Ca na Brava, Pindaré, Alto Turiaçú, Araribóia e Krikatí. Proc. FUNAI/BSB/4237/75.
- 3) Expõe problemas dos moradores do interior do Município de Montes Altos - Maranhão, envolvendo os índios Krikatís, da aldeia de São José. Proc. nº 12.653-NI/DCA/BSB/77.
- 4) LAVE, Jean Elizabeth Carter: Social taxonomy among the Krikatí (Gê) of Central Brazil. Harvard University. Cambridge, Massachusetts. 1967.
- 5) NEWTON, Dolores: Carta do Chefe de Krikatí, Francisco, e Relatório sobre a situação atual dos índios Krikatí (Montes Altos, Maranhão) em relação à demarcação das terras desta tribo. 26/7/1975.
- 6) NIMUENDAJÚ, Curt: The Eastern Timbira. University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1946.
- 7) OLIVEIRA, Rubens Auto da Cruz: Relatório da gleba do Rodeador, no município da Barra do Corda. Novembro de 1968.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

= 02 =

- 8) Projeto de Desenvolvimento Comunitário do PL Krikati. Montes
Altos-MA. ASPLAN. Aprovado pela Portaria nº 423/E, em 28/
17/78.
- 9) Renovação de Autorizações, Grupos Indígenas Timbira e Krika
ti... Missão Novas Tribos do Brasil. Proc. nº FUNAI/BSB/
13407/77 (14.8.77).

INTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO -- FUNAI
Gabinete do Presidente

OFÍCIO Nº 018/PRES. Brasília, 8 de janeiro de 1.980

Senhor Presidente,

Para seu conhecimento e providências que se fizerem necessárias tendo em vista o Parágrafo 3º do Artigo 2º, do Decreto nº 76.999, de 03.1.1976, encaminho em anexo Mapa e Memorial do Posto Indígena Krikati, situado no Município de Montes Altos-Ma, recentemente eleita área indígena.

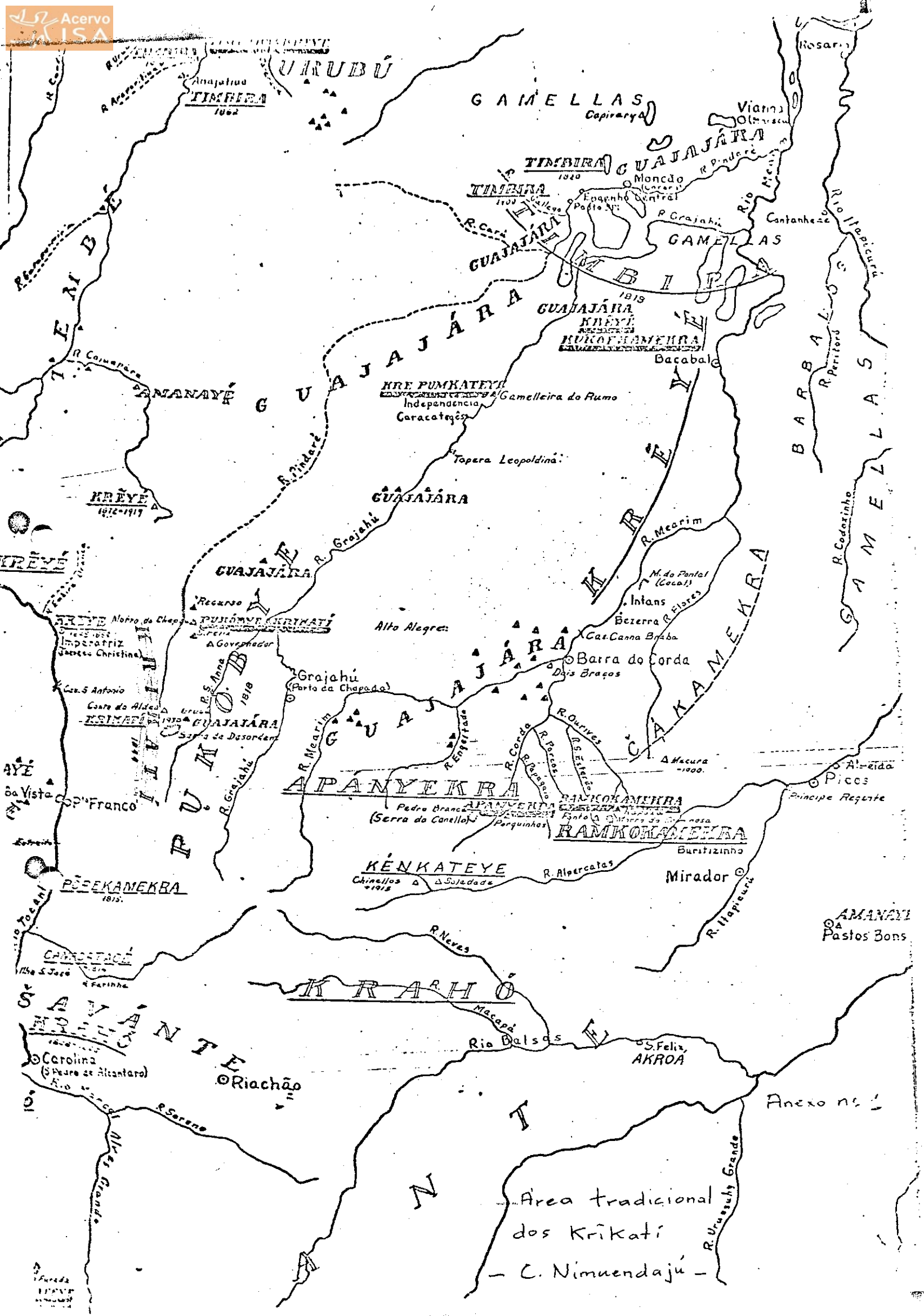
Contando com a costumeira atenção dispensada por V.Exa., aproveito o ensejo para reiterar protestos de elevado apreço e distinta consideração.

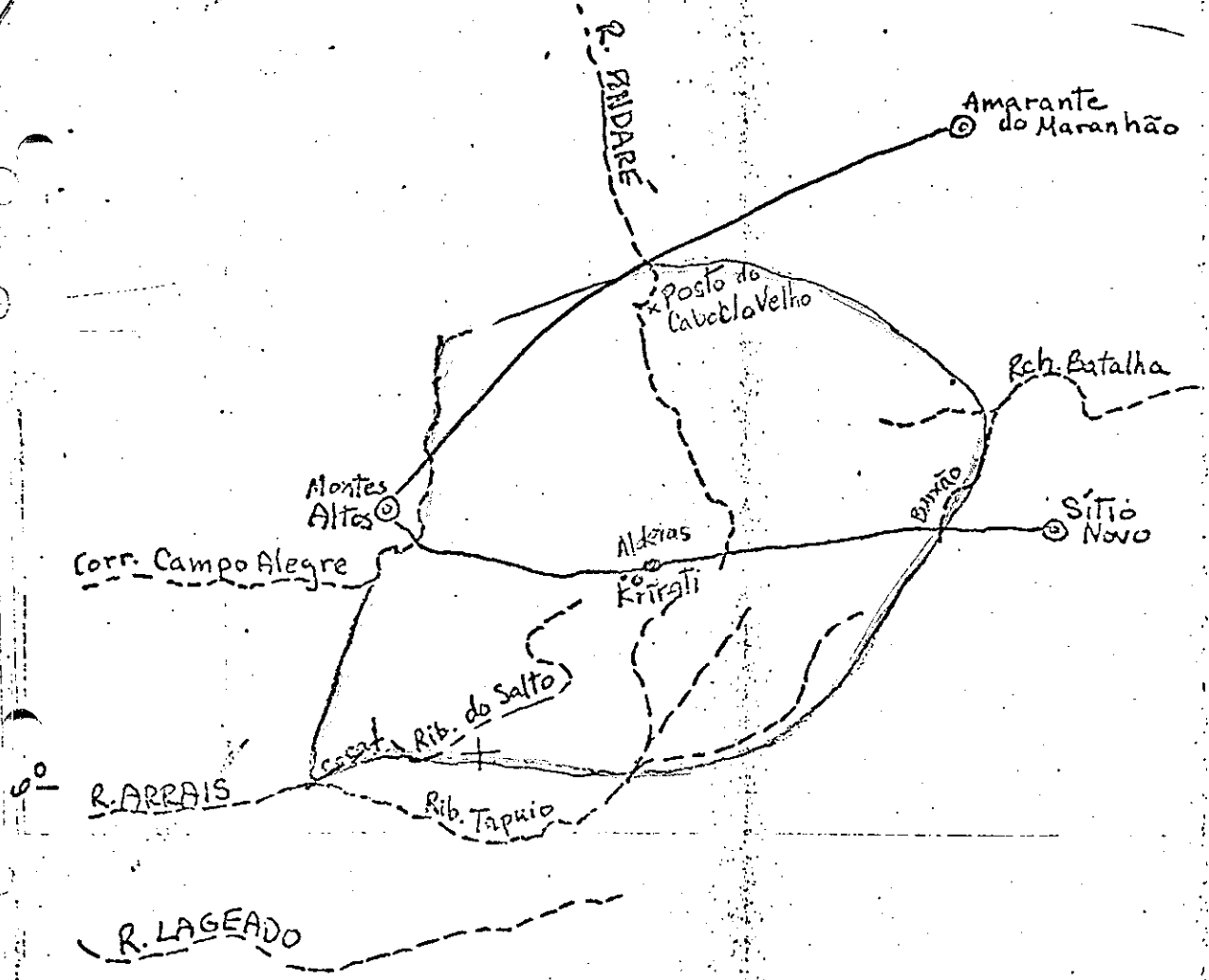
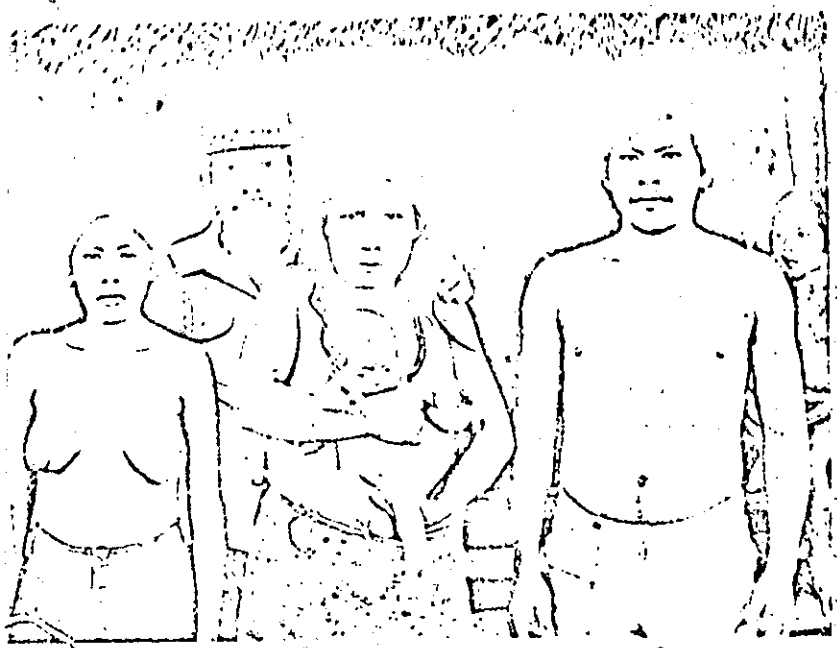
JOÃO CARLOS NOBRE DA VEIGA
- Presidente -

O ORIGINAL FOI
ASSINADO PELO
SR. PRESIDENTE

Ilmo Sr.
Dr. Paulo Yokota
DD. Presidente do INCRA
Ed. Palácio do Desenvolvimento, 8º andar
N E S T A
DGPI/MS/mhtr.

Entregar em mãos
para Dra. Helene Kri
em 8.01.80





MAPA da região dos Índios KRIKATI

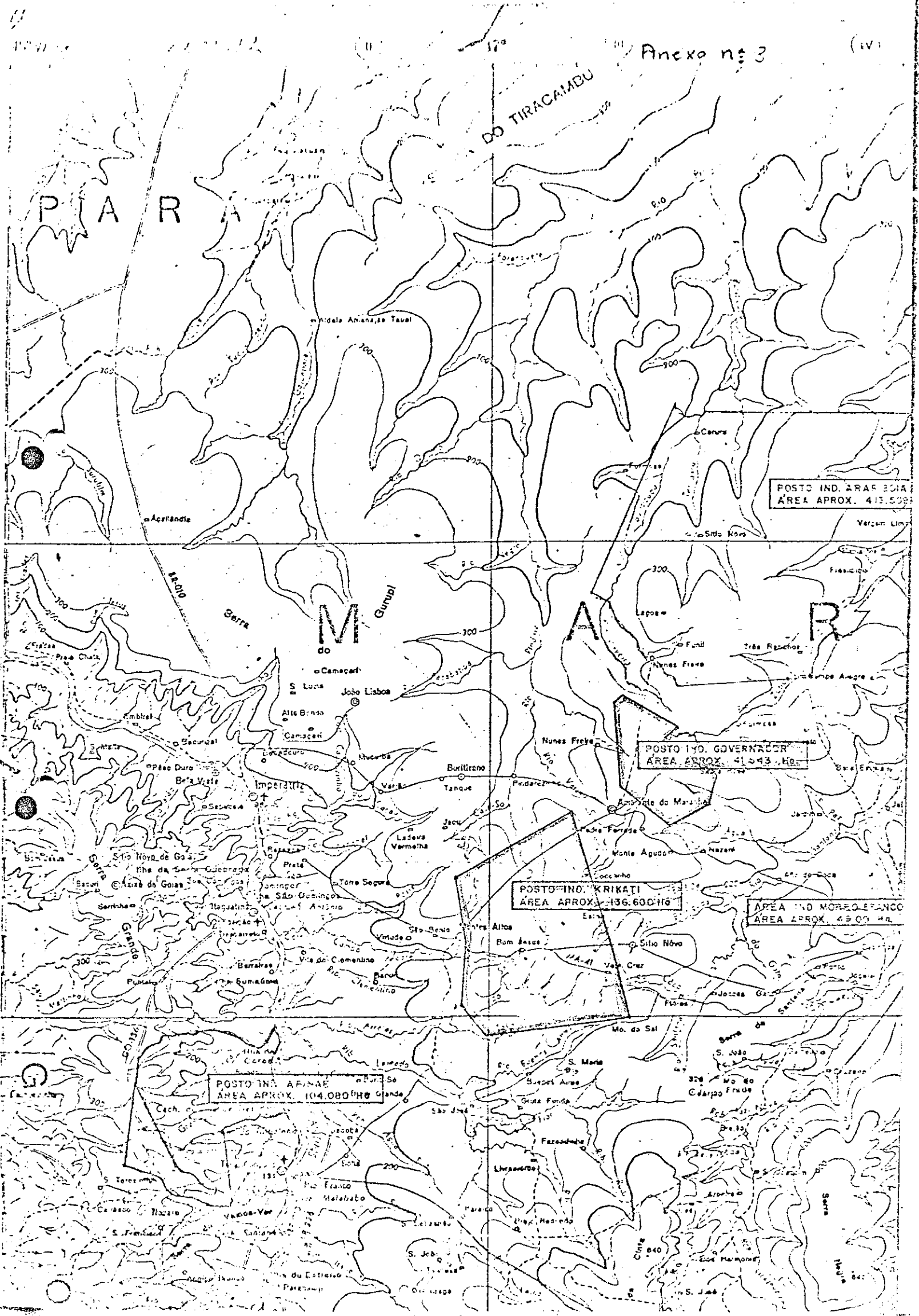
depois: folha SB23 - Teresina do IBGE - 1970

- (áreas of Krikati use and territory requested)
- área pedida para demarcação
- rios, riachos
- estradas da terra

Proposta de Dolores Newton

1975

62



MEMORIAL DESCRITIVO
POSTO INDÍGENA KRIKATY
MUNICÍPIO DE MONTES ALTOS - MA

ZONA APROXIMADA: 136,600 ha

PERÍMETRO APROX: 139,22 km

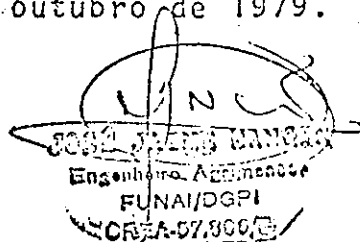
NORTE: Inicia-se no vértice "01" de coordenadas aproximadas 05º 42'50"S e 47º04'00"W; daí, segue-se uma linha reta com azimute e distância aproximados de 60º00'00" e 30,00km, até o vértice "02" de coordenadas aproximadas 05º34'25"S e 46º50'15"W;

LESTE: Desse vértice segue-se por uma linha reta de azimute e distância aproximados de 164º00'00" e 37,00km até o vértice "03" de coordenadas aproximadas 05º23'58"S e 46º44'35"W; daí, segue-se por uma reta de azimute e distância aproximados 165º00'00" e 11,80km até o vértice "04" de coordenadas aproximadas 06º00'00"S e 46º42'50"W;

SUL : Desse vértice segue-se por uma linha reta com azimute e distância aproximado de 262º00'00" e 33,00km até o vértice "05" de coordenadas aproximadas 06º02'15"S e 47º00'20"W, situado junto a margem esquerda o RIO TAPUIO;

OESTE: Desse vértice segue-se por uma linha reta de azimute e distância aproximados de 323º30'00" e 9,10km até o vértice "06" de coordenadas aproximadas 05º58'30"S e 47º03'10"W; daí, segue-se por uma linha reta de azimute e distância aproximados 03º30'00" e 14,70km até encontrar o vértice "07" de coordenadas aproximadas 05º50'30"S e 47º02'40"W; daí, segue-se por uma linha reta com azimute e distância aproximado de 350º00'00" e 15,60km até encontrar o vértice "01" inicial, dessa descrição perimétrica.

Brasília, 22 de outubro de 1979.



MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fundação Nacional do Índio

POSTO IND. KRIKATI

MUNICÍPIO: MONTES ALTOS - MA

ÁREA APROX. 136 600 Ha

Perímetro Aproximado 139,22 Km

- ▲ ALDEIA ATUAL
 - ▲ ANTIGAS ALDEIAS
 - ÁREA PROTEGIDA P/ ÍNDIOS KRIKATI
- ESCALA: 1/250.000

